



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**

**SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO**

**TRABALHAR, ESTUDAR, AMAMENTAR: ESCRITAS DE SI  
MEDIADAS PELOS DESAFIOS EXPERIENCIADOS NO CURSO DE  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA - UFCG (2016-2023)**

CAMPINA GRANDE  
2023

SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO

TRABALHAR, ESTUDAR, AMAMENTAR: ESCRITAS DE SI E MEDIADAS  
PELOS DESAFIOS EXPERIENCIADOS NO CURSO DE LICENCIATURA  
EM HISTÓRIA - UFCG (2016-2023)

Relato de experiência apresentado como requisito parcial para obtenção do título de graduação, curso de História-Licenciatura da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Prof. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.

CAMPINA GRANDE

2023

**FOLHA/TERMO DE APROVAÇÃO****SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO****TRABALHAR, ESTUDAR, AMAMENTAR: ESCRITAS DE SI MEDIADAS  
PELOS DESAFIOS EXPERIENCIADOS NO CURSO DE LICENCIATURA  
EM HISTÓRIA - UFCG (2016- 2023)**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em 28 / 06 / 2023 com o conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Orientador (a)

Unidade Acadêmica de História / Centro de Humanidades

---

Prof. Fernanda de Lourdes Almeida Leal

Examinador (a)

Unidade Acadêmica de Educação/Centro de Humanidades

---

Prof. Regina Coelli Gomes Nascimento

Examinador (a)

Unidade Acadêmica de História / Centro de Humanidades

CAMPINA GRANDE

2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha mãe, Cleusy de Sousa Santos, mulher forte e guerreira que me deu a vida, e que acima de tudo, sempre me incentivou a correr atrás de meus sonhos.

A meu companheiro, José Luiz de Araujo Segundo, por ser meu amor, amigo e parceiro sempre, ter me dado suporte nos momentos mais desafiadores de minha vida. Sem você, nada teria sido possível.

A minha sogra, Isabel Alice de Araujo, outra mulher forte e admirável que me deu apoio financeiro sempre e possibilitou que continuasse no curso de História. Além disso, como professora que é, doou muitos de seus livros historiográficos e me presenteou com outros tantos, viabilizando minha evolução acadêmica, sendo fundamental em meu processo de formação.

Às minhas avós Dona Maria de Lourdes Alves e Dona Edith dos Santos Nascimento, por todo auxílio que me deram todas as vezes que precisei, sempre estando de portas abertas suas casas para que eu pudesse usar como ponto de apoio em minha rotina, pelos conselhos e carinho dados a mim.

A minha irmã, Shennaly Santos Sousa Nascimento, e ao irmão de meu companheiro, José Vitor de Araujo que cuidou de minha filha em vários momentos, para que eu pudesse assistir aula quando já não tinha condições de permanecer em sala com ela. Vocês foram importantes também em minha formação.

A minha tia Eliane Santos Sampaio, que sempre me deu apoio financeiro e de incentivo nos momentos que necessitei de ajuda, e ela sempre se fez presente.

A minha amiga Celine Gomes Maurício que me deu todo apoio ao descobrir minha gestação e ter me amparado quando mais precisei.

A meus amigos de curso e de vida, Amanda Fabyelly Nunes Pimentel, Lucas Alexander Nunes Batista, que sempre foram meus parceiros na realização de trabalhos nas disciplinas, e sempre estiveram presentes nos momentos que precisei de escuta. Obrigada por tudo que vivemos juntos na UFCG, não seria quem sou, sem vocês.

A professora Regina Coelli Gomes Nascimento, por todos os ensinamentos trocados durante minha experiência no Programa Residência Pedagógica, bem como todo apoio e atenção que ofereceu durante a disciplina de Prática do Ensino I e II. Sem suas palavras de incentivo e sua empatia este relato não teria saído do campo das ideias.

A minha orientadora Silêde Leila Oliveira Cavalcanti, por abraçar meu projeto de monografia inicial, e estar disposta a me ajudar no momento em que optei pela construção deste relato de experiência, disponibilizando o material teórico que embasa meu trabalho, bem como as orientações do melhor caminho metodológico para construí-lo. A agradeço também enquanto professora de disciplinas fantásticas que lecionou como História Contemporânea II, que tive o prazer de cursar, e seu trabalho enquanto coordenadora do curso de História durante o período de meu processo de Regime de Exercícios Domiciliares, onde conversou com os professores sobre minha situação, para que não fosse prejudicada nas disciplinas que cursava, diante da indefinição da decisão das instâncias administrativas da instituição.

A todos os amigos e familiares que aqui não citei, mas de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica e na execução deste trabalho.

A minha filha, Isis Araujo Santos, motivo maior pelo qual escolhi trabalhar a temática da maternidade na UFCG através de meu relato, e pelo qual não desisti do curso. Acima de todos os desafios experienciados, o meu amor por você me deu forças para seguir em frente.

Por fim, e acredito que o mais importante, agradeço a mim, Shayenne Santos Sousa Nascimento, que diante de tudo que viveu até aqui, não desistiu de seu sonho, de seu objetivo de vida, e persistiu em busca de sua formação. Reconheço aqui sua força e seu valor, que tanto me custou acreditar que tinha.

*“Essa menina, essa mulher, essa senhora*

*Em que esbarro a toda hora*

*Num espelho casual*

*É feita de sombra e tanta luz.*

*De tanta lama e tanta cruz*

*Que acha tudo natural.*

(Ana Terra Borba Caymmi / Joyce Silveira Moreno)

## RESUMO

O presente Relato de experiência traça minha trajetória desde a entrada no curso de licenciatura em História da UFCG, até os anos finais do curso, tendo como recorte temporal o período de 2016-2023. Ao longo do relato delineei meu percurso ao longo da graduação a partir dos conceitos do Cuidado de Si, de Foucault, e o conceito de experiência de Jorge Larrosa. A construção deste trabalho é moldada a partir desse aparato teórico, onde construo uma escrita de si, selecionando como experiência aquelas que verdadeiramente me tocaram ao longo do curso. Como fontes utilizei fotografias registradas ao longo de minha trajetória no curso, bem como e-mails e documentos de processos submetidos às instâncias administrativas da UFCG. Neste sentido, tem como pontos de problematização os desafios experienciados por mim enquanto mulher, trabalhadora, mãe, historiadora, e estudante universitária. Busquei principalmente lançar luz às dificuldades que enfrentei enquanto mãe com uma criança pequena no espaço universitário, especificamente no Centro de Humanidades da UFCG, como também ao processo de resistência aos inúmeros obstáculos e os feitos enquanto historiadora no transcurso de minha formação.

Palavras-chave: História. Experiência. Cuidado de Si. Maternidade. UFCG.

**LISTA DE ABREVIATURAS**

**ADUFCG** — Associação dos Docentes da Universidade Federal de Campina Grande.

**CA** — Centro Acadêmico de História.

**PAEG** — Programa de Auxílio ao Ensino de Graduação.

**PAER** — Plano Acadêmico de Ensino Remoto.

**PRE** — Pró Reitoria de Ensino e Extensão da UFCG.

**RP** — Programa Residência Pedagógica.

**RU** — Restaurante Universitário.

**UFCG** — Universidade Federal de Campina Grande

## LISTA DE IMAGENS

|  |    |
|--|----|
| Imagem 1 — Registro da turma ingressante em 2016.2 -----                                       | 23 |
| Imagem 2 — Registro realizado acervo da autora - UFCG -----                                    | 25 |
| Imagem 3 — Registro feito por acervo da autora -----   | 29 |
| Imagem 4 — Registro de Ultrassom realizada no ISEA-----  | 31 |
| Imagem 5 — Registro de Ultrassom realizada no ISEA-----  | 31 |
| Imagem 6 — Registro da assinatura do contrato de financiamento da casa -----                   | 34 |
| Imagem 7 — Registro da construção do muro e mudança para a nova casa -----                     | 35 |
| Imagem 8 — Registro da construção do muro e mudança para a nova casa -----                     | 35 |
| Imagem 9 — Registros do Chá de bebê de Isis -----  | 35 |
| Imagem 10 — Registros do Chá de bebê de Isis -----   | 35 |
| Imagem 11 — Primeiro registro de minha barriga com gestação avançada -----                     | 36 |
| Imagem 12 — Registro banco em que trabalhava no caixa da loja -----                            | 36 |
| Imagem 13 — Registro na casa de minha avó materna Dona Lourdes -----                           | 37 |
| Imagem 14 — Registro de encontro de natal na disciplina de Civilização Ibérica —               | 38 |
| Imagem 15 — Registro feito por José Luiz em casa -----   | 39 |
| Imagem 16 — Preparação para o parto -----  | 39 |
| Imagem 17 — Momento do nascimento de Isis -----  | 39 |
| Imagem 18 — Registro feito com Isis próximo ao lago da UFCG -----                              | 44 |
| Imagem 19 — Registro feito durante amamentação próximo ao lago da UFCG ----                    | 44 |
| Imagem 20 — Registro de Isis dormindo no bebê conforto no prédio do CH -----                   | 47 |
| Imagem 21 — Registro realizado no antigo LABHIS -----  | 48 |
| Imagem 22 — Registro realizado no antigo LABHIS -----  | 48 |
| Imagem 23 — Registro de apresentação para disciplina de História do Brasil I -----             | 50 |
| Imagem 24 — Registro de apresentação para disciplina de História do Brasil I -----             | 50 |
| Imagem 25 — Registro feito ao final de apresentação do trabalho -----                          | 50 |
| Imagem 26 — Registro feito ao final de apresentação do trabalho -----                          | 50 |
| Imagem 27 — Registro da última aula da disciplina de História do Pensamento no Brasil<br>----- | 51 |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Imagem 28 — Registro da internação de Isis na ala de queimados do Hospital de Emergência e Trauma -----</b>           | <b>53</b> |
| <b>Imagem 29 — Registro da internação de Isis na ala de queimados do Hospital de Emergência e Trauma -----</b>           | <b>53</b> |
| <b>Imagem 30 — Registro de Viagem da disciplina de História do Nordeste -----</b>  | <b>55</b> |
| <b>Imagem 31 — Registro da última aula da disciplina de Historiografia Brasileira —</b>                                  | <b>55</b> |
| <b>Imagem 32 — Registro da última aula da disciplina de Historiografia Brasileira —</b>                                  | <b>55</b> |
| <b>Imagem 33 — Registro em expediente de trabalho como atendente de telemarketing em Home Office -----</b>               | <b>56</b> |
| <b>Imagem 34 — Registros das quatro video-aulas elaboradas no primeiro modulo da RP -----</b>                            | <b>59</b> |
| <b>Imagem 35 — Registro de aula sobre sociedades pré-colombianas -----</b>   | <b>61</b> |
| <b>Imagem 36 — Registro do encontro “A auto fotografia como possibilidade metodológica para uma escrita de si” -----</b> | <b>62</b> |
| <b>Imagem 37 — Registro de mensagens enviadas no chat de alunas durante aula -----</b>                                   | <b>64</b> |
| <b>Imagem 38 — Registros realizados durante última aula do segundo módulo da RP—</b>                                     | <b>65</b> |
| <b>Imagem 39 — Registros realizados durante última aula do segundo módulo da RP —</b>                                    | <b>65</b> |
| <b>Imagem 40 — Registro da primeira aula do terceiro módulo da RP -----</b>  | <b>69</b> |
| <b>Imagem 41 — Registro da última aula lecionada no terceiro módulo da RP -----</b>                                      | <b>70</b> |
| <b>Imagem 42 — Registro da última aula lecionada no terceiro módulo da RP -----</b>                                      | <b>70</b> |

## SUMÁRIO

|           |  |           |
|-----------|--|-----------|
| <b>1.</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>12</b> |
| <b>2.</b> | <b>CAPÍTULO 1: CORPO INSCRITO EM EXPERIÊNCIAS PLURAIS: AS MULHERES QUE ME CABEM COMO TRABALHADORA, MÃE E ESTUDANTE DE LICENCIATURA</b> |           |
|           | 2.1 O CUIDADO DE SI: A ESCRITA DE SI OU DAQUILO QUE ME TOCA  | 17        |
|           | 2.2 O SONHO DE SER HISTORIADORA: DO IFPB À UFCG .....  | 20        |
|           | 2.3 MINHA ENTRADA NO CURSO DE HISTÓRIA E NO MERCADO DE TRABALHO .....  | 23        |
|           | 2.4 SER MULHER E ESTUDAR A NOITE EM CAMPINA GRANDE .....   | 26        |
| <b>3.</b> | <b>CAPÍTULO 2: UM CORPO E NOVAS SUBJETIVIDADES EM CONSTRUÇÃO: A DOCÊNCIA E A MATERNIDADE EM GESTAÇÃO</b>                               |           |
|           | 3.1 A DESCOBERTA DE UMA GESTAÇÃO NÃO PLANEJADA: O SONHO ACABOU? .....  | 28        |
|           | 3.2 UM BEBÊ A CAMINHO: A CONQUISTA DE UM LAR PELO “MINHA CASA MINHA VIDA” .....  | 32        |
|           | 3.3 DOS DESAFIOS DE UMA GESTANTE E UNIVERSITÁRIA: CORPO EM GESTAÇÃO E PUERPÉRIO .....  | 36        |
|           | 3.4 DO APOIO A GESTANTE A UM PUERPÉRIO EM REGIME DE ATIVIDADES DOMICILIARES NA UFCG .....  | 42        |
|           | 3.5 PENSANDO O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO ENQUANTO MÃE .....   | 46        |
| <b>4.</b> | <b>O “HISTORAR EM MINHA VIDA: A CONSTRUÇÃO DA HISTORIADORA/ PROFESSORA E SUA INTERFACE COM A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA</b>                 |           |
|           | 4.1 DA EXAUSTÃO Á FORÇA DO QUERER: O PRAZER PELO FAZER HISTORIOGRÁFICO .....   | 54        |
|           | 4.2 A EXPERIÊNCIA COM A EJA EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19: O PRIMEIRO MÓDULO NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA .....                  | 56        |
|           | 4.3 O USO DE FOTOGRAFIAS NO ENSINO REMOTO COMO “PONTE DE SABER”: O SEGUNDO MÓDULO NO PROGRAMA .....                                    | 60        |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>4.4 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA CIDADE ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA: O TERCEIRO E ÚLTIMO MÓDULO NO PROGRAMA -----</b> | <b>66</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----</b>   | <b>73</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----</b>   | <b>75</b> |
| <b>7. ANEXOS -----</b>   | <b>77</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

**"o direito ao saber, não somente à educação mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações [do movimento feminista]. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer" (PERROT, 2007, p.159)**

Por muito tempo, o espaço acadêmico foi lugar de exclusão de muitas camadas sociais. A prática intelectual era pensada apenas para homens brancos de classe média ou alta. Mulheres, pessoas pretas, periféricas, deficientes e lgbtqia + não pertenciam a esse espaço. Olhando para as mulheres, a educação dessas personagens sociais sempre foi para atuação doméstica.

No Brasil, a educação formal para mulheres é muito recente, e mais recente ainda o acesso ao ensino superior. A primeira mulher a ter acesso a academia foi em 1887 na Bahia, mas é apenas a partir da década de 70 que verdadeiramente as mulheres tomam o espaço acadêmico como também seu.

Esse acesso das mulheres ao espaço acadêmico foi um avanço, estávamos em processo de democratização, e a constituição de 1988, foi fundamental para colocar na lei, o que as mulheres já sabiam que era de direito, o acesso à educação igualitária. Mas como sabemos, a lei não é a prática. As mulheres brancas e que tinham condições de adentrar a universidade tinham mais chances de fazê-lo, mas e as mulheres negras? pobres? periféricas?

Muitas políticas públicas foram criadas de lá para cá, buscando a diminuição das desigualdades latentes em nossa sociedade, como a lei de cotas<sup>1</sup>, o qual possibilitou uma transformação do público presente no espaço acadêmico, mas podemos realmente falar em igualdade dentro do espaço acadêmico? Debruçando o olhar sobre a perspectiva de uma mulher, da classe trabalhadora, e mãe dentro desse espaço, há igualdade de possibilidades e oportunidades entre ela e um homem, por exemplo?

---

<sup>1</sup> A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. (Fonte: Portal do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.711%2F2012,educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos.>>

Passei a refletir sobre questões de gênero e desigualdade social dentro do espaço acadêmico quando me encontrei no lugar da mulher, filha de uma vendedora de quentinhas e de um desempregado, que tinha o sonho de cursar História na Universidade, e conseguiu graças a lei de cotas<sup>2</sup> ingressar neste espaço, mas que viu enormes desafios em sua trajetória no curso.

Primeiro o de classe social, pude entrar no curso, mas para ter condições financeiras de se manter nele e ajudar meus pais, precisei trabalhar logo que completei maior idade. O curso só era possível para mim à noite. Depois do lugar de mulher, precisava sair mais cedo da aula pois, o serviço público de transporte na cidade é precário, principalmente os ônibus com destino ao bairro das Malvinas, periférico na cidade. Ser mulher e transitar “tarde” da noite, sozinha, era “perigoso”. Mais a frente no curso, novo desafio, talvez o maior deles, o lugar de mãe. A gravidez não planejada, a gestação junto às demandas do trabalho e do curso, o peso era cada vez maior.

Com o nascimento de meu bebê e a necessidade de levar minha criança para o espaço acadêmico comigo, me deparei com a falta de suporte por parte da universidade. Por isso passei a questionar: Esse espaço acadêmico está realmente aberto às mulheres? A Universidade Federal de Campina Grande (espaço de minha análise) está preparada para possibilitar e garantir a permanência de mulheres, pobres e mães em um curso superior? Mais especificamente, quais as possibilidades e desafios de uma mulher, trabalhadora e mãe no curso de História da UFCG?

Chegando ao fim do curso, estava com muitos planos de temas para tratar em minha monografia, mas com uma doença que adquiri no percurso, devido à tripla jornada que levava, junto ao vivenciado na pandemia de Covid-19.

Por mais que buscasse desenvolver minhas ideias, a ansiedade falava baixinho ao meu ouvido “você não consegue”. Passei a sofrer de insônia as noites, pois pensava tanto na idealização que tinha sobre o TCC, que não conseguia colocar nada em prática. Eu sabia o que fazer e como fazer, mas me sentia travada.

---

<sup>2</sup> A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. (Fonte: Portal do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.711%2F2012,educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos.>>)

Quando me vi no período 2022.1 apenas com a disciplina de prática para executar, fiquei ainda pior do quadro de ansiedade. Nesta época também havia passado no concurso do IBGE, e estava realizando o censo 2020, que estava atrasado devido a pandemia. Então decidi tranca-lo. Foi enfim que iniciei o período 2022.2 decidida a enfrentar a ansiedade “cara a cara” e terminar meu curso de graduação.

Ao iniciar a disciplina de prática do ensino, já sabia da opção da construção de um relato de experiência como modalidade do TCC, e achei não só uma proposta interessante para pensar novas formas de produção do conhecimento acadêmico e historiográfico, como também em uma via para finalmente conseguir produzir meu estudo.

Já pensava em produzir algo sobre a temática da maternidade na universidade, talvez um artigo, mas não tinha algo concreto formulado. Foi então que ao conversar com a professora Regina Coelli no intuito de entender melhor como é caracterizado o relato de experiência, me virou a chave sobre o que traria em meu trabalho.

Como entendo a experiência aqui como aquilo que me passou e me tocou, decidi que construiria um relato de experiência sobre o que mais me tocou durante minha formação, enquanto professora de História, dando foco no que foi mais duro para mim: o maternar nas circunstâncias em que vivenciei essa experiência, mas também a minha transformação durante essa graduação, minha formação como pessoa, a partir de meu lugar social enquanto mulher, mãe, trabalhadora, aluna, historiadora, professora.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o relato de minha experiência no curso de História da UFCG enquanto lugar social de mulher, trabalhadora e mãe inserida no ambiente acadêmico, durante o período de 2016 a 2023. Pretende-se a partir desta experiência, discutir os desafios que uma mulher, pobre e mãe enfrenta dentro do ambiente universitário e os processos de resistência dessa mulher durante o curso, de enfrentamento a esses desafios que se colocam muito maiores que para a maioria do público universitário. Além disso, busco refletir criticamente acerca do espaço acadêmico, mais especificamente o centro de Humanidades, sobre o espaço físico e intelectual da UFCG estar preparado para receber mulheres gestantes e mães de crianças pequenas em seu ambiente, bem como propor melhorias no espaço da UFCG, para que as mulheres, mães, que ainda ingressarão na Universidade, no curso de História, encontrem neste espaço maior apoio. Trazer luz e voz aos silêncios.

Refletir sobre esses questionamentos a partir de minha experiência é de fundamental importância, primeiro por uma perspectiva histórico-social sobre, como o curso de História, a UFCG e o próprio espaço acadêmico enxerga (ou esquece) as mulheres mães que habitam este espaço, no intuito de considerar a permanência dessas mulheres na academia. Pensar no que ainda falta no campo da educação (a nível superior aqui em discussão) para que haja igualdade mínima entre as classes sociais e suas identidades dentro das universidades públicas no Brasil. Além disso, pela pertinência de evidenciar o árduo processo de resistência dessas mulheres para alcançar a conclusão e obtenção de seu título (no caso em questão, a graduação). Segundo por observar a carência de trabalhos referentes a este tema no âmbito da historiografia, na UFCG, principalmente a partir de uma perspectiva da escrita de si, estando esse tema presente em trabalhos apenas recentes, na área de pedagogia.

Pensar sobre esta temática se faz pertinente e urgente, pois hoje é possível que as minorias adentrem o âmbito universitário no país, mas é preciso que o Estado e as instituições possam garantir a permanência desses sujeitos, sujeitas ou sejeites, na participação nas atividades acadêmicas que desejem se engajar e a conclusão de seus cursos.

Para tal propósito, dividirei meu relato de experiência em três momentos de minha trajetória acadêmica, que irão se conformar em capítulos. No primeiro capítulo busco inicialmente trazer uma explanação sobre o que é a escrita de si, com base na teoria foucaultiana do cuidado de si; e sobre o que é a experiência, que embasa o meu relato. Utilizo como o "óculos" de minha análise, o horizonte de Foucault a respeito do cuidado de si. Baseados em sua teoria, outros autores também endossam o estudo, como Deleuze<sup>3</sup>, e Klinger<sup>4</sup>, a partir dos estudos de Galvão<sup>5</sup>, Lazarin e Londero<sup>6</sup> e Moreira e Silva<sup>7</sup>. No intuito de refletir sobre a experiência utilizo a perspectiva de Larrosa<sup>8</sup>.

Como o trabalho consiste em um relato de experiência, é fundamental que compreenda-se sobre o processo de escrever sobre si mesmo, do ponto de vista teórico e

---

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense. 2005.

<sup>4</sup> KLINGER, Diana. A escrita de si – o retorno do autor. In: KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 15-60.

<sup>5</sup> GALVÃO, Bruno A. A ética em Michel Foucault: Do cuidado de si a estética da existência. Porto Alegre: Intuíto, ISSN 1983-4012, Vol. 7 n 1, junho, 2014, p. 157-168.

<sup>6</sup> LAZARIN, Denize H. LONDERO, Rodolfo R. A escrita de si: contornos da autobiografia e autoficção em O corpo em que nasci, de Guadalupe Nettel. Vitória: Contexto ISSN 2358-9566, n. 33, Janeiro 2018.

<sup>7</sup> MOREIRA, Maria E. R. SILVA, Sheila dos S. Escritas de si e espaço biográfico - Revisão teórico-crítica. MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717, v. 07 n 2, (julho-dezembro de 2016).

<sup>8</sup> BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

metodológico, bem como a compreensão do que é a experiência. Busco em todos os capítulos, aborda minhas experiências (vendo a experiência aqui, como aquilo que nos toca), a partir da perspectiva do cuidado de si, por meio da escrita de si, evidenciando em meu cotidiano o constante ato de resistir e enfrentar os desafios no processo de me graduar.

Neste capítulo trago também um relato sobre quem eu sou, ou quem eu fui, ao adentrar ao curso de História da UFCG, quais os desafios que enfrentei em 2016 para me concretizar como estudante universitária, enquanto mulher e trabalhadora, em um curso noturno.

No segundo capítulo trago à tona o meu “eu” de 2017, enquanto mulher, gestante e trabalhadora, em busca de se manter na graduação frente às adversidades, que já eram muitas. Abordarei também o meu “eu” de 2018 aos dias atuais, o de mulher, trabalhadora e mãe, que não tinha outra opção a não ser levar sua criança para a sala de aula. O que foi o processo da graduação em um espaço acadêmico que não estava preparado para a presença de um bebê ou criança pequena.

No Terceiro e último capítulo, faço uma reflexão sobre minha construção enquanto historiadora, professora de História, ao longo desse processo. Aqui abordo minhas experiências em sala de aula, atuando no Programa Residência Pedagógica. Busco neste último capítulo dar visibilidade a profissional historiadora que foi forjada nesse duro processo de formação.

O presente trabalho consiste em caráter descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência. Para a tarefa de realizá-lo, além do quadro teórico já mencionado, utilizarei também as obras de Silva<sup>9</sup>, Daltro e Faria<sup>10</sup>, para a compreensão do processo histórico da chegada da mulher ao espaço acadêmico no Brasil e investigação acerca das perspectivas

---

<sup>9</sup> SILVA, Wilton C. L. Para além da ego-história memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. São Paulo, Unesp: Patrimônio e Memória, ISSN 1808-1967, v. 11, n. 1, p. 71-95, janeiro-junho, 2015.

<sup>10</sup> DALTRO, Monica R. FARIA, Anna A, de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia: Rio de Janeiro, ISSN 1808-4281, v. 19 n. 1 p. 223-237 Janeiro a Abril de 2019.

adotadas em outros trabalhos existentes sobre a temática, utilizo os estudos de Guedes<sup>11</sup>, Silveira<sup>12</sup> e Bezerra<sup>13</sup>, Costa<sup>14</sup> e Dario<sup>15</sup>.

Como fontes que dão embasamento a pesquisa, utilizei fotografias em formato digital, que eu mesma realizei o registro ou foram registradas por colegas de turma e professores, que são objeto de rememoração dos fatos que serão narrados, lembranças as quais tráfego através da perspectiva de Didi-Huberman<sup>16</sup>, bem como de arquivos documentais e processuais que foram submetidos às instâncias administrativas da UFCG, durante o período de meu puerpério, além de registros de aulas que participei; e planos e arquivos didáticos utilizados em aulas que ministrei.

## **2. CAPÍTULO 1: CORPO INSCRITO EM EXPERIÊNCIAS PLURAIS: AS MULHERES QUE ME CABEM COMO TRABALHADORA, MÃE E ESTUDANTE DE LICENCIATURA**

### **2.1 O cuidado de si: a escrita de si ou daquilo que me toca**

Cuidar de si para Foucault não está atrelado a visão de egoísmo e narcisismo que foi implantada pela visão cristã na sociedade, em que o homem deve abdicar de si, para conquistar a vida eterna no reino dos céus. Da lógica confessionista que até os dias atuais permeia nossos pensamentos sobre “nós”. Aqui, o cuidar de si, é mostrado com base na perspectiva grega, onde conhecer a si mesmo, ou encontrar-se com o seu “eu” para além do que a sociedade lhe diz que se é, é cuidar de si.

O “cuidado de si” se trata de um “duplo retorno”, primeiramente um “retorno de si” e, num segundo momento, um “retorno para o outro e para o mundo”. Porém esse duplo retorno proporciona o aparecimento de uma questão de cunho ontológico, pois o sujeito, ao retornar para si, confronta-se com sua atual condição. (GALVÃO, 2014, p. 159)

---

<sup>11</sup> GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

<sup>12</sup> SILVEIRA, Pamela. Ser mulher, mãe e universitária: Narrativas de estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, Junho 2019.

<sup>13</sup> BEZERRA, Nathalia. Mulher e Universidade: Longa e difícil luta contra a invisibilidade. Bahia: FECLESC / UECE, Ministério Público do Estado da Bahia - MP BA, 2010.

<sup>14</sup> COSTA, Juliana de O. Maternidade nos cursos de licenciaturas da UFCG/CES e os desafios para permanência das alunas no estudo. Cuité-PB, 2019.

<sup>15</sup> DARIO, Andreza dos S. O. Universidade e maternidade: A experiência de mulheres que se tornaram mães na graduação. Sumé-PB, 2023.

<sup>16</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Pos: Belo Horizonte*, v. 2, n 4, novembro 2012, p. 204-219.

Esse cuidado de si pode ser alcançado não só com a ideia de cuidar de seu corpo, sua alimentação, etc, mas tem haver com o meditar sobre quem se é, sobre o que se acredita, despindo-se do que o outro, ou a sociedade lhe diz que se deve ser, ou que se deve pensar e defender. Ele aponta então a escrita de si, como uma forma de voltar-se para si, para que então possamos olhar para a sociedade.

Na modernidade, a ideia de “verdade” está associada cientificamente ao que se pode provar, as evidências, por causa dessa visão, esquecemos que esquecemos de nós mesmos. No que defende Foucault, ser ético é ser fiel consigo mesmo, com a verdade que se encontra em cada um de nós, subjetivamente. Então para encontrar essa “verdade”, para se tornar ético, é necessário que olhemos para si mesmo. Esse olhar para si, é o “cuidar de si”, e escrever sobre si é parte fundamental do ruminar sobre nossa própria existência. “Portanto, o “cuidado de si” consiste na saída desta localização ou estado de subjetividade em que nos ocupamos com coisas que, mesmo próximas e que nos dizem respeito, não são nós mesmos.” (GALVÃO, 2014, p. 160)

Vivendo em sociedade, o sujeito que busca cuidar de si, apresenta resistência ao poder que se impõe sobre ele, ele é o que Deleuze chama de dobra, onde duas forças, uma do poder e a outra da resistência competem, e nessa dobra, o sujeito é afetado. Ou seja, por mais que o sujeito busque a coerência com a “verdade” que está em si, ele vai ser afetado pela sociedade. O que importa então é o quanto de si ele conserva.

Por um lado, as maquinarias de poder forçam a dissolução do sujeito em seus diagramas e do outro há um sujeito que insiste em se afirmar, trata-se de uma tensão entre “memória” e “esquecimento”, sendo a “memória” a auto-afecção do sujeito por si e o esquecimento a força contrária que tende ao descuido de si. Porém, esquecimento e memória coexistem na subjetividade do sujeito sendo o esquecimento constitutivo da memória, pois, embora o sujeito esteja ou permaneça em determinado momento, esquecido de si, imerso nos mecanismos de poder, este permanece atuando no espaço ao qual está situado e tais experiências proporcionam, à memória, enquanto subjetividade, refazer-se. (GALVÃO, 2014, p. 161)

No momento em que escrevemos sobre nós mesmos, estamos ali mesmo, nos reinventando, nos constituindo enquanto sujeitos, é um processo de construção e reconstrução de si. E como somos constituídos de memória e esquecimento, o ato de nossa escrita também é marcado pelo que lembramos ou esquecemos, o que deixamos aparecer em nossa escrita de si e o que silenciamos.

Na escrita de si, com base em Klinger, mesmo narrando os acontecimentos e sentimentos que sucederam em nós ou conosco mesmo, estamos também performando.

Na Verdade, o fingimento é o único meio disponível ao ser humano para acessar e descrever a realidade, pois a realidade é uma instância inexprimível. Em termos aristotélicos, enquanto a realidade manifesta-se no texto sempre como potência, o fingimento é o próprio ato textual. É por isso que todo texto (romanesco, autobiográfico, jornalístico, jurídico, etc.) é um texto ficcional. (LAZARIN & LONDERO, 2018, p. 83)

Quando escrevemos sobre quem somos, nossas experiências, nossas lembranças, estamos nos conectando com nós mesmos. Ao escrever sobre nós, para alguém que irá ler o que escrevemos, também estamos nos construindo para esse alguém, estamos criando uma representação de nós mesmos, aqui também inventamos. E o que escolhemos, (mesmo que de forma ética, buscando representar aquilo que está em nossa “verdade”) escrever, lembrar ou esquecer, estamos ali criando quem somos para o leitor.

Neste contexto é que trabalho com minhas experiências, ao relatá-las, busco não perder de vista o que é o próprio processo de pensá-las, de rememora-las, refletir sobre elas e finalmente escreve-las, performa-las em uma construção textual. E ao fazê-lo, ao cuidar de mim no sentido foucaultiano, me voltar para a sociedade.

Mas por que o cuidado de mim, na prática da escrita sobre mim, levou-me a essa construção sobre quem sou? Por que ao me dispor a fazer uma escrita sobre mim, escolhi relatar essa ou essas experiências? O que é então a experiência?

Pensando sobre o que é a experiência ou o porque selecionei estes dentre outros tantos fatos para relatar, encontrei a resposta no que nos diz Bondía sobre a experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 21)

Vivemos na era da informação constante, da necessidade de ter opiniões constantemente sobre as informações, da velocidade, onde o tempo é cada vez menor, e onde o trabalho, “o ser produtivo”, “não poder estar ocioso” são a norma. A experiência, segundo Bondía, não é nada disso. Não é saber demais, ter informação demais, correr sempre e ser produtivo. A experiência precisa de tempo, de sensibilidade:

(...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Relato aqui esta experiência, pois é aquilo que me tocou, que me pegou, me transbordou. Ao longo de minha formação acadêmica a experiência enquanto trabalhadora, mulher e mãe naquele espaço me impactou e me transformou.

A experiência não são apenas os fatos acontecidos, mas o que me aconteceu, o que me capturou. O saber adquirido da experiência não é o saber adquirido pelo fato que passou, mas como eu reagi ao fato, é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. “(...) a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.”(BONDÍA, 2002, p. 27)

Ao construir meu relato de experiência no intuito de me encontrar, no processo do “cuidar de si”, na rememoração do que foi minha graduação, não perco de vista o contexto histórico ao qual estava inscrita no que quero relatar, mas também no contexto em que me insiro agora, no momento em que escrevo, e nas transformações que essas experiências despertaram em mim, o que me tocou, para que eu possa também, após ou durante o processo, me voltar para sociedade, pensar a sociedade, que neste caso é o olhar para o espaço da UFCG e a legislação vigente, a construção do curso de História, as mulheres que habitam também, o espaço do campus de Campina Grande da UFCG.

## **2.2 O sonho de ser historiadora: Do IFPB à UFCG**

O desejo de ser historiadora, ou melhor, professora de História, não foi recente em minha vida. Lembro-me da aula em que despertei para a História de forma tão viva, que quase posso tocar em minha lembrança. Estava no início do ano letivo do 6º ano. Tudo era novo para mim. Escola nova, novos amigos, as novidades da pré-adolescência, e uma nova visão do ensino. Era uma escola particular do bairro próximo onde eu morava, e eu tinha conseguido bolsa parcial de estudos, era um valor que meus pais se sacrificaram para pagar. Naquele ano havia sido implantado o ensino fundamental em nove anos como previa a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, onde os alunos fariam a pré-escola e o fundamental I e II contados em anos. Foi no meio desse “tudo novo” que conheci o que era História.

Era uma das aulas de conteúdos iniciais de História, com a professora Gisa, nunca poderia esquecê-la. A primeira vez que realmente tinha um livro de História com um conteúdo mais elaborado para ler, guardo este livro até hoje. A aula em questão era sobre o Egito

antigo, sou fascinada pelo assunto até hoje também. Desde lá, me ver como professora de História um dia fez parte de meu horizonte futuro.

Após concluir o ensino fundamental II, a preocupação de meus pais era em qual escola iriam me matricular. Naquela época o IFPB com um campus inaugurado a poucos anos em Campina Grande, era a melhor escola pública, “comparada às melhores escolas particulares da cidade”, era o que diziam. Mas não era muito fácil entrar, eram realizados concursos, e os classificados poderiam se matricular.

Vi muitos colegas que tinham melhores condições financeiras para fazerem aulas, cursinho, para entrar no IF. Eu não tinha esse privilégio, nessa época ajudava já minha mãe a vender quentinhas em casa durante a semana, e aos finais de semana ia com ela para o boteco que meu pai tinha uma “sociedade” no bairro do São José, ajudar no serviço da cozinha e limpeza. Era trabalhando até de madrugada na cozinha do bar, que tirava um trocado para comprar um objeto ou outro que meus pais não podiam me dar.

A verdade é que meu pai não era considerado um sócio do bar, ele era explorado pelo seu “sócio”, que o roubava na cara dura. A vida não era fácil. Minha mãe argumentava, mas não adianta falar com quem aceita de bom grado o cabresto. Ela então se desdobrava para não faltar nada para mim, e minha irmã. Estudava com o material que eu tinha, dentro do possível.

Fiz a prova do IFPB com o coração na mão, e uma grande desesperança de que iria me classificar. Mas, me classifiquei. Consegui ver o resultado da minha classificação na casa de uma amiga, pelo computador dela. Em casa, o computador tipo “tubão” que meu tio não queria mais e me deu, já não funcionava. Fiquei tão feliz. Aquela foi minha primeira grande conquista acadêmica, no meu ver daquele contexto.

O IFPB foi muito importante em minha formação. Lembro de me sentir “em outro mundo”, a primeira vez que fui na escola com minha mãe, fazer minha matrícula. Lembro dela chorar de felicidade por que eu iria estudar ali. Lembro de ficar encantada com a biblioteca, os laboratórios e o auditório, eu nunca tinha estudado em uma instituição que tivesse essas estruturas. Ao mesmo tempo fiquei com medo, se iria dar conta de estudar ali.

No início das aulas, já percebi que o ensino ali era diferente de tudo que eu já tinha estudado. De cara, a disciplina de artes me mostrou que eu não sabia nada sobre artes. “Era outro nível”, todos diziam. Foi nessa instituição que aprendi a pensar, que aprendi o que era ler livros, o que era ABNT, o que era um trabalho aos moldes acadêmicos, que aprendi a ser criativa, e que fez minha motivação e paixão pela História só crescer. As aulas da professora

de História Michelle eram incríveis, mesmo o curso sendo voltado para área de exatas, o trabalho dos professores de humanas e letras daquela escola foi o que me mostrou a carreira que eu realmente queria.

O curso tecnólogo em Petróleo e gás junto ao ensino médio tinha, então, duração de 4 anos. Quando estava no terceiro ano, fiz meu primeiro enem, com intuito de testar minhas habilidades. Tirei ainda uma boa pontuação, e me inscrevi no Sisu, mas para os cursos que meu pai queria que eu fizesse, engenharia de petróleo e gás pela UFCG e engenharia mecânica, também pela mesma instituição. Passei em engenharia mecânica na lista de espera. Foi aí que a pressão sobre “o que eu quero para mim, e o que o outro quer” me atingiu. Eu tinha direito a pegar uma declaração no IF, para que pudesse me matricular no curso na UFCG, mas cursar engenharia mecânica não era o que eu queria, esse era o projeto de meu pai. Decidi então que não me matricularia.

Meu pai não se conformou por eu não me matricular no curso de engenharia mecânica. Eu, finalmente entendi o que eu queria, e definitivamente o que não queria. No enem que fiz no ano seguinte, coloquei no sisu o curso que realmente era meu desejo, a licenciatura em História. Minha mãe sempre me apoiou em minhas escolhas, mas meu pai não aceitava eu “ter abandonado engenharia para tentar um curso de História”.

Passei no curso de História graças também à lei de cotas, onde concorri como baixa renda e fui convocada na segunda chamada, para cursar o período 2016.2. Guardo o comprovante de minha matrícula, realizada em 16 junho de 2016, também até hoje. Guardo muitas “lembranças”, daqueles papéis que arquivam nossa vida, como fala Artieres. Não guardamos papéis atoa, mas aqueles que escolhemos como importantes, aqueles que consideramos que representam o que queremos de nós. Como ele diz:

(...) não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (ARTIERES, p. 11,1998)

No dia em que me matriculei em História meu pai ficou revoltado comigo, ouvi dele uma frase que ecoa em minha mente até hoje, e acredito que sempre ecoará: “Você vai ser uma coitada, professora de História. Desistiu de ser engenheira para ser uma professora . Não vai ser ninguém”. “Sim, eu escolhi ser professora de História com orgulho”, foi o que consegui responder, com o choro que me entalava a garganta.

Cursar História pra mim, não foi o acaso, não foi falta de opção de curso, foi uma escolha, melhor dizendo, a minha escolha.

### **2.3 Minha entrada no curso de História e no mercado de trabalho**

Entrar no curso de História era um sonho, mas esse sonho precisava ser viável. Precisava de dinheiro para me manter no curso, pagar passagens de ônibus, custear as inúmeras xerox de textos e livros passados pelos professores. No contexto daquela época, minha família estava vivendo apenas da renda das quentinhas e almoço que minha mãe vendia em nossa casa. O público alvo de suas vendas eram trabalhadores contratados para executarem obras de vários apartamentos e casas nas proximidades do Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, mas algumas obras estavam acabando, e conseqüentemente as vendas de minha mãe diminuíram. Eu precisava trabalhar.

Completei meus 18 anos em 12 junho de 2016, no dia 16 do mesmo mês, me matriculei no curso de História, e para ajudar em casa e conseguir me manter no curso, consegui meu primeiro emprego (de carteira assinada) em setembro do mesmo ano. Era na função de caixa, da nova loja de ferragens que meu primo e sua esposa abriram, localizada na rua João Pessoa, no centro de Campina Grande. Assinaram minha carteira e iniciei o treinamento na loja de mesmo segmento que pertencia ao pai da esposa de meu primo, localizada no fim da feira central.



Imagem 1 - Registro da turma ingressante em 2016.2 - Frente ao CA de História de 17 setembro de 2017.

Essa foto foi o primeiro registro feito de nossa turma, do período 2016.2. Estávamos de frente ao CA de História, lugar de tantas lutas e memórias construídas ao longo do curso. Nessa foto vejo hoje pessoas queridas, algumas tantas que abandonaram o curso, cada um com suas motivações, outros que hoje já são professores.

Devido a greve da educação iniciada em maio de 2015 que havia ocorrido, as aulas do período estavam atrasadas em alguns meses, e foi no mês de outubro de 2016 que elas começaram. O início de meu curso coincidiu com o começo de meu trabalho no comércio. Naquela época eu ainda não tinha me dado conta do quanto seria difícil conciliar os dois, mas logo ia perceber.

Minha carteira era assinada como caixa, mas no meu primeiro dia no ambiente que realmente ia trabalhar, percebi que seria muito mais. Era uma loja grande, só haviam dois funcionários contratados até aquele momento, eu e um rapaz, que nem me recordo de seu nome, pois ele passou apenas uma semana na função de auxiliar de loja, e logo foi desvinculado da empresa. Depois contrataram um novo auxiliar, que permaneceu na função até muito depois que eu mesma me desliguei da loja, meu querido amigo João. Menino jovem em seu primeiro emprego, como eu, um pouco mais ingênuo ao que me lembro, mas muito gentil e prestativo, o tipo de pessoa “gente fina” como aqui dizemos.

Eu e João fazíamos tudo, limpar a loja toda, lavar o banheiro, organizar as prateleiras, descarregar os produtos que chegavam, conferir o estoque, arrumar o estoque, separar os produtos que eram vendidos, caso fossem cabos de aço, lonas, telas de arames e chapas de aço, era necessário árduo trabalho para medir, cortar, organizar e pesar o material, em tudo isso, éramos nós dois. Mas além disso, eu tinha que dar conta de grande parte da burocracia do funcionamento da loja. Minha função era de caixa, mas eu também era vendedora, responsável pela entrada e saída de notas fiscais, e do cadastro de produtos novos a serem implantados para venda na loja. Eram oito horas de trabalho, de muito trabalho, mas a remuneração era apenas pela função que estava na carteira, “caixa”.

Veza ou outra os donos ajudavam em alguma venda, quando a loja estava muito cheia, mas a maior parte do tempo eu e João tínhamos que dar conta. E como meu cargo era de maior responsabilidade, sobre todo funcionamento da loja os “patrões” se reportavam a mim. Era muito cansativo, mas eu precisava de dinheiro.

Como morava nas Malvinas, saía cedo de casa para chegar às 07:30 no trabalho, largava às 17:30, mas sempre havia um atraso ou outro na saída. Como não podia tomar banho no banheiro com chuveiro que havia na loja, eu tinha que sair correndo a pé até a casa de uma de minhas avós para tomar um banho, comer algo e pegar o ônibus para a UFCG. Não podia me dar ao luxo de ficar gastando sempre dinheiro para me alimentar na universidade, e como o RU não estava funcionando, tinha que comer algo antes de ir pra aula.

A casa de minha avó paterna ficava no bairro São José, e a de minha avó materna no bairro do Monte Santo. Para evitar subir a ladeira, ia correndo até a casa de vó Edith no São José, tomava um banho apressado, comia o que tinha por lá para comer. Mas minha avó nem sempre estava em casa, ela sempre ia, durante a semana, para sua loja de bonecas de pano, situada na Vila do Artesão, e na maioria das vezes, não tinha comida pronta para mim. Consumia o que tinha de mais rápido, quando não tinha nada, não comia. Mesmo com toda essa correria, sempre chegava atrasada na aula.

Chegava finalmente em casa por volta das 22:30 ou 23:00. Nessa rotina, o tempo que tinha para estudar e realizar os trabalhos era nos trajetos de ônibus, na pausa de 1 hora para o almoço, e de madrugada. Os trabalhos e estudos que demandam mais tempo, realizava na folga do domingo, que eu conciliava com as outras inúmeras coisas que só tinha folga para resolver. Lembro do quanto eu corria para comer o mais depressa possível, e tentar ler alguma coisa para a aula à noite. Eu almoçava através do ticket alimentação emitido em parceria com o Sesc, em um restaurante que ficava na rua conhecida como “as boninas” no centro. Aproveitava que ali perto existem várias ruas antigas, estreitas, com pouco fluxo de carros, e sentava nas calçadas para ler. Quantas e quantas vezes o tempo que tive para estudar para um trabalho, ou uma prova, não foram os 20 minutos nas calçadas do centro, junto a alguns minutos nos trajetos dos ônibus? Foram muitas.

Nessa loucura de vida, os momentos de descontração e prazer estavam nos encontros com os amigos no CA, as aulas de muitos professores, que eram instigadoras para mim, os saraus e calouradas promovidas pela universidade. Meu mundo além do trabalho cansativo, o da criatividade, era o espaço da universidade.



Imagem 2 - Registro do acervo da autora - Universidade Federal de Campina Grande. 7 de Julho 2017.

Essa foto é de um desses momentos, que posso dizer “mais meus”, em que me sentia mais “eu”, dos períodos iniciais do curso. Foi registrada por Luiz enquanto estávamos sentados nos bancos da ADUFCG. Este dia em Campina foi bem chuvoso, típico dos dias no mês de junho e julho, época de inverno na cidade. Lembro que estava muito cansada, aborrecida com a demanda de coisas que precisava fazer, se iria dar conta daquela rotina. Chorei no banheiro da casa de minha avó de cansaço, antes de ir para universidade. Quando cheguei lá descobri que aquela aula seria vaga, encontrei meus amigos, (nesta foto estão apenas alguns deles) e rimos tanto, falamos de tantas coisas, que tudo ficou mais leve. Amigos que continuam juntos comigo até hoje, daqueles que ficam guardados no coração e que buscamos levar para o resto da vida. Que “choravam pitangas” comigo e ainda choram, mas que davam forças em dias como este, em que me sentia incapaz.

A lei de cotas permitiu que eu entrasse na universidade, mas sendo “baixa renda”, para me manter lá dentro, pra ser viável o sonho, tive que me desdobrar em um trabalho no comércio. Lembro de muitos de meus colegas que não precisavam de tanto sacrifício para se manter no curso, alguns tantos com apoio financeiro total dos pais, mas também aqueles que assim como eu, tentavam associar o trabalho e o estudo. Eram também sempre aqueles atrasados, como eu, cansados, como eu.

#### **2.4 Ser mulher e estudar a noite em Campina Grande**

Ser mulher, jovem e estudar à noite, precisando de ônibus para chegar em casa já era um ponto complicado. Minha família, preocupada, argumentava que era “um perigo” voltar sozinha às 22:00 de ônibus até o conjunto Chico Mendes nas Malvinas. O que não era de todo uma irrealidade.

A escassez de ônibus à noite em Campina Grande é um empecilho à vida do estudante noturno até os dias de hoje (na verdade, após o recente período de pandemia até piorou). Naquela época não era diferente. Eu pegava a linha do 263, rumo às Malvinas. O ônibus passava sempre na integração das Malvinas, antes de subir pelo conhecido “Alemão” e finalmente chegar ao ponto em que eu descia. O último ônibus 263 que passava era antes das 23:00. O que pegava sempre passava na UFCG por volta das 22:00. Quando eu perdia o das 22:00, passava uma hora na parada esperando o das 23:00.

Muitas vezes senti medo por estar sozinha na parada, ou esperei um ônibus que nunca passou e tive que recorrer a um mototáxi, pago com o pouco dinheiro que tinha para as xerox.

Mas o pior era quando os motoristas dos ônibus informavam que a última parada seria na integração das Malvinas. Um lugar mal iluminado, sem segurança alguma e que naquele horário estava sempre vazio.

Os ônibus nesse horário iam cheios, mas chegando na integração das Malvinas, a maioria dos passageiros, ou na grande maioria das vezes, todos, desciam. Eu, sem crédito no celular, muitas e muitas vezes sem dinheiro, e apenas com o cartão de passagens, esperava a sorte de um 245 passar, para completar minha viagem. Mas o tempo em que ficava naquele lugar sozinha, com medo de tantas e tantas violências que uma mulher, só por ser mulher, pode passar neste país, “por estar na rua sozinha tarde da noite”, era enorme.

Subir o percurso a pé não era tão longe, porém, talvez ainda mais perigoso. Haviam dias que ou eu subia a pé, ou passava a noite naquele banco escuro no “meio do nada”.

Ser mulher em nossa sociedade é correr riscos o tempo todo. Século XXI e a violência contra a mulher é uma constante em nosso país. Está em todo lugar, está nos olhares, nos assobios indiscretos, nas cantadas insistentes, está no comportamento do vizinho com a esposa, está nos inúmeros casos de feminicídio que diariamente estampam os jornais. Está na mentalidade histórica do Brasil.

Foi em uma dessas voltas no ônibus quase vazio que fui assediada. Na verdade, eu sofri inúmeros assédios dentro de ônibus durante minha vida, não só eu, mas a grande maioria das mulheres no país. Segundo os dados apurados pela pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>17</sup>, 46,7% das mulheres sofreram assédio sexual no Brasil no último ano. Um dado chocante, mas que retrata a realidade atual em nosso país, do qual também estou inscrita. O caso em específico que relato, me fez tremer por dentro do medo.

O ônibus no início da viagem estava lotado, e tive que ir em pé. Tinha um cara, acredito que jovem, (até hoje acho que deletei seu rosto de minha memória) em pé do meu lado. Quando as pessoas começaram a descer, ele começou a se aproximar demais de mim, e a pedir meu telefone. Eu disse não, e pedi licença, onde fui me sentar. Lembro dele olhando fixamente para mim, em pé perto da porta. Aos poucos o ônibus esvaziou, e ele não desceu. Novamente veio até mim, insistindo que eu era gata e queria meu número. Foi quando ele me tocou. Naquele momento estava passando em algumas paradas antes da integração das

---

<sup>17</sup> SOUZA, Ludmila. Mais de 18 milhões de mulheres sofreram violência em 2022. Agência Brasil: São Paulo, 02 março de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mais-de-18-milhoes-de-mulheres-sofreram-violencia-em-2022#:~:text=A%20pesquisa%20mostrou%20que%2046,foi%20de%2037%2C9%25.>>

Malvinas, e eu já sabia que o ônibus só iria até lá. Então num impulso pedi parada rapidamente e desci correndo. Uma colega minha morava ali perto, e busquei ajuda lá. Eu pude ver o ônibus seguindo com o homem dentro.

Depois desse dia meu medo só aumentava, mas não tinha o que fazer, eu precisava estudar e não tinha dinheiro pra pagar outra condução que não o ônibus. Foi então que fiz amizade com o novo motorista que circulava na linha 263 naquele horário. Lembro só de seu apelido “Galego”. Ele passou a sempre me deixar próximo de casa. Como era a última volta do ônibus, ele subia após a integração, mesmo que só eu estivesse no ônibus, e me deixava na esquina de casa, de lá, já ficava mais próximo para seguir até a garagem da nacional. Enquanto viajei nessa rota para casa, o “Galego” foi uma das pessoas que com um simples ato, me ajudou muito. Eu seguia em busca de minha formação.

### **3. CAPÍTULO 2: UM CORPO E NOVAS SUBJETIVIDADES EM CONSTRUÇÃO: A DOCÊNCIA E A MATERNIDADE EM GESTAÇÃO**

#### **3.1 A descoberta de uma gestação não planejada: o sonho acabou?**

Estava cursando o segundo período da graduação, em 2017.1, quando conheci José Luiz. Inicialmente nos tornamos amigos, pois ele tinha um romance com uma colega de turma minha. Aos poucos na universidade, nós vamos criando laços de maior proximidade com algumas pessoas, esses, de colegas, tornam-se muitas vezes grandes amigos, pessoas que carregamos em nossos corações e memórias sempre. Foi assim comigo.

“As cobrinhas historiadoras” inicialmente, ou os “pitucostalenses” depois, nomes engraçados que criamos depois de brincadeiras em sarais e encontros ao longo do curso para o nosso grupo de amigos, e que se mantêm amigos até hoje.

Escrevendo este relato lembro de tanta coisa, tantos momentos ao lado desses amigos. Vejo como a minha própria construção intelectual e pessoal se cruzam com essas pessoas, nessas memórias. Mas como defende Klinger, o ato de escrever sobre si, também é uma construção de si, e uma performática do que se pretende relatar, por mais que me lembre do real, será sempre a versão do “eu atual” sobre quem sou, ou fui. Dentre tantas lembranças, ao relatar eu seleciono, lapido o que escrevo, elejo as memórias que aqui cabe-me relatar.



Imagem 3 - Registro do acervo da autora de Sarau, em 27 de maio 2017 na UFCG.

Essa foto foi registrada em um dia de tantas memórias boas, de muita risada e descontração. Mesmo sempre cansada do trabalho, quando chegava na UFCG e encontrava essas pessoas, os problemas podiam ficar um pouco em segundo plano, havia sempre a escuta um do outro. Além de amigos, foi uma rede de apoio que formamos.

Foi dentro desse grupo que, após o fim do romance de José Luiz com nossa colega, acabamos nos aproximando. Não havíamos construído nada “serio”, até porque nessa época eu mal tinha tempo para mim mesma. O ritmo de trabalhar no comércio 8 horas por dia (ou mais, tendo em vista as horas extras não remuneradas) e a jornada na universidade consumia minha energia. Luiz surgiu em minha vida como um momento de paz no meu dia.

Eu já tinha à época o diagnóstico de SOP (Síndrome do Ovário Policístico) e tomava o anticoncepcional voltado ao tratamento desta síndrome. Dentre os sintomas que mais sofria característicos da síndrome estavam a menstruação irregular e cólicas mais intensas que a maior parte das mulheres, então menstruação atrasada era algo comum em minha vida.

Começamos a nos relacionar em Abril de 2017, e em Junho senti a falta de minha menstruação. Realizei de pronto um teste de gravidez de farmácia, que deu negativo. Após isso, no mês de Julho, permaneceu o mesmo sintoma. Então realizei mais 5 testes de farmácia todos com resultados negativos. Continuei na certeza que eram os sintomas da síndrome que eu já apresentava. Devido ao horário de trabalho, não conseguia horário para consulta médica no sus, e na rede particular o valor era muito alto. Nesse período, as quentinhas que minha mãe vendia já não tinham tanta saída, e eu ajudava com meu salário nas contas de casa. O orçamento era curto.

Eu estava no automático. Havia perdido peso, me sentia doente. Era início de setembro quando uma amiga, da área da saúde, me disse que conseguiria um atendimento para mim no

sus, em um domingo, com uma ginecologista. Ela me orientou a realizar um teste Beta HCG pois era importante apresentar a médica. Realizei o teste e não soube nem lê-lo, ignorei as informações que constam no cabeçalho e foquei apenas na parte inferior do documento. Hoje olhando para essa lembrança me enxergo tão imatura, uma jovem de 19 anos, com muitos sonhos e responsabilidades já grandes demais. Convicta que era negativo. Mandei o print do exame para minha amiga, e no sábado a caminho do trabalho ela me ligou, eu estava chegando na integração. Celine é seu nome, ela me pediu para sentar, e me explicou ao telefone que eu li o exame errado, o resultado era Reagente. Perdi o chão ali, mas não sei por que, não consegui acreditar que estava mesmo grávida.

Ao chegar na consulta, a médica olhou para mim, disse-me que se tratava muito provavelmente de uma gestação. Olhou o teste e confirmou, positivo. Ela me apalpou o abdômen com força, e mostrou se tratar de uma placenta de uma gestação já avançada. Muito provável que de umas 20 semanas, e que faria um “toque” para ver se meu colo do útero estava fechado e escutar os batimentos do bebê. Meu chão se abriu.

Deitei na maca, e enquanto ela realizava o toque, parecia que tudo estava preto em minha visão. Foi aí que ouvi ela dizer: “tá tudo ok, colo fechadinho”, você não sabia da gestação? Eu não tinha forças nem pra responder, minha amiga respondeu por mim: “Desconfiava, mas ela tem SOP, aí não sabia”. Depois disso eu ouvi o som mais lindo e louco da minha vida, o coração de um bebê, dentro de mim, que batia mais forte que o meu. As lágrimas escorriam pelos meus olhos como rios. A maca me pareceu uma areia movediça, em que ia me afundando. Eu não sabia o que pensar. Senti um gelo na minha barriga e algo entalado na garganta, que tirava meu ar. Um misto de angústia, pânico e esperança me invadiu. Na verdade, tento aqui relatar o que senti, mas até hoje não sei nomear o sentimento daquele momento.

Me levantei, e estava com a pressão baixa. A médica encaminhou uma ultrassom a ser realizada com urgência no dia seguinte no ISEA e o início do pré-natal o mais rápido possível na UBS do bairro. Eu estava em choque. Sai de lá, fui à farmácia comprar o ácido fólico e sulfato ferroso recomendado pela médica. Minha amiga Celine, e sua irmã Aline, que estavam comigo, me deram o maior apoio naquele momento. Pegamos um ônibus para casa, e só conseguia pensar como um bebê naquele momento “estragaria tudo”, todos os meus sonhos estavam perdidos. Como encontraria espaço em minha vida para um bebê? E o pai da criança, que conhecia a tão pouco tempo, mal sabia de sua história, de sua vida. E meus pais o que

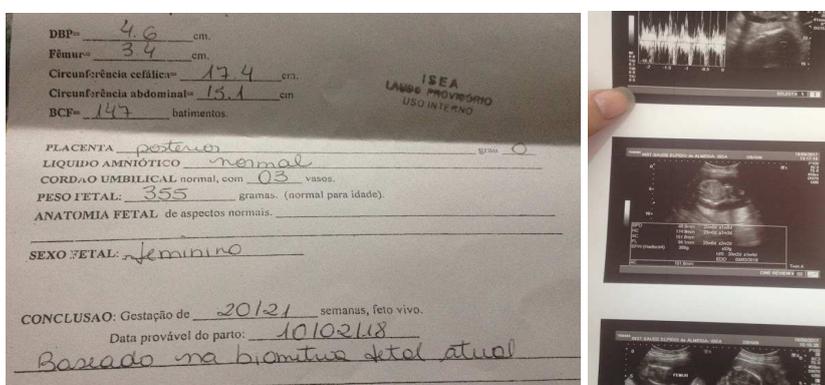
diriam disso? Foi conversando sobre isso com Celine aos prantos no ônibus 066, rumo às Malvinas, que ela tocou minha barriga e eu senti meu bebê mexer pela primeira vez. Parecia que meu bebê estava me dizendo que estava ali, e que logo chegaria.

Ao chegar em casa contei a minha mãe, que me deu o abraço que eu mais precisava naquele momento, o seu amor e seu apoio. Meu pai, no ápice de seu preconceito, esbravejou: “ainda bem que é um bebê, melhor que ser sapatão” (nome pejorativo utilizado por gente preconceituosa contra mulheres lésbicas). Dele eu já não esperava mais nada. Mais uma frase dita que jamais esquecerei tamanha decepção. Depois da frase, ele “se mostrou feliz em ser avô”.

Era período de férias, e Luiz havia viajado para Cajazeiras, sua cidade natal, para ver sua mãe e resolver problemas burocráticos de documentação. Nós havíamos sido vítimas de uma assalto nas proximidades na UFCG, havia duas semanas, em que o assaltante levou seu celular. Nos comunicamos através do facebook, que ele acessava da casa de seu amigo. Cogitei até, no auge de meu desespero, nem contar para ele. Mas logo caí em mim. Construí um grande texto contando tudo que ocorreu e aguardei a resposta. Sabia que essa não era uma notícia a ser contada dessa forma, mas foi a única que encontrei.

Luiz ao saber da notícia ficou em choque, assim como eu, mas muito feliz. Me apoiou desde o primeiro instante. Relendo as conversas me veio a lembrança de como me senti a cada frase digitada por ele, ao ouvir a poesia cantada de Florbela Espanca que ele me mandou, o desespero misturado com o acalento de cada palavra que li. Eu não estava só.

Realizei o ultrassom no dia seguinte, era uma segunda-feira, tive que faltar de manhã ao trabalho e descobri que estava já com 21 semanas de gestação, que era uma menina e pesava 355g.



Imagens 4 e 5 - Registro de Ultrassom realizada no ISEA em 18 de setembro de 2017 .

Tive que, a partir daí, juntar os cacos dentro de mim, e me reconstruir para o novo desafio que a vida me dava. Nessa reconstrução vamos nos modificando sem nem perceber. Hoje percebo como mudei, ao lembrar esse meu “eu” de 2017. Nessa reconstrução, tive que aprender a lidar com o trabalho exaustivo, os afazeres do curso e uma gestação de 21 semanas. Eu iria “parir” um bebê dentro de quatro meses, e para mim deixar o trabalho não era possível, mas abandonar meu curso também não era uma opção.

### **3.2 Um bebê a caminho: a conquista de um lar pelo “Minha Casa Minha Vida”**

Minha filha nasceria em poucos meses, e não tinha nada. Pensava como seria meu relacionamento com Luiz, onde iria morar após o nascimento dela. Pensava em um mundo de coisas, todas amontoadas em pensamentos ao mesmo tempo.

Luiz voltou de Cajazeiras depois de resolver tudo por lá. Eu já havia iniciado o pré-natal, e estava tocando minha vida. Conversamos pessoalmente e decidimos que estaríamos juntos em nosso maior desafio. Precisávamos agora pensar na parte prática.

Ele morava em um apartamento alugado no Dona Lindu, no quarto e último andar. Não era uma opção ficar na casa de meus pais, onde já dividia um quarto com minha irmã mais nova, e nem naquele apartamento com tantos lances de escada. Decidimos alugar uma casa.

Os valores de aluguéis de casas eram na faixa dos 500 reais, e a família nos deu maior apoio. Estávamos já vendo a casa para alugar, quando uma vizinha de minha mãe, Elania, que morava a anos de aluguel nas Malvinas, contou que finalmente havia conseguido financiar seu imóvel com a construtora Moura. Ela disse que eram as últimas unidades de casas construídas no Portal Sudoeste, e estavam com promoção no valor. Ela nos levou para conhecer sua casa recém financiada, me passou o número de sua corretora, Clausina, e orientou que tentássemos uma simulação com ela.

Só tínhamos o meu salário, Luiz estava sem emprego e vivia de ajuda de sua mãe e dos pães que fazia para vender. Eu e Luiz fomos até o escritório da construtora sem esperanças. Ao contar nossa história para Clausina ela começou a chorar. Contou que quando jovem como nós, ela estava noiva e perdeu seu grande amor em um acidente, e que éramos muito parecidos com eles à época. Ela se dispôs a nos ajudar.

Na simulação que ela fez, conseguimos entrada zero, com o valor máximo do subsídio pelo Minha Casa Minha Vida<sup>18</sup>, e documentação por conta da construtora, mas que para conseguir o financiamento precisava de uma complementação em minha renda, pois o valor mínimo declarado para conseguir um financiamento era de 1.500, e eu recebia apenas 920 reais.

A partir daí, eu conversava com Clausina toda hora, procurando uma forma de complementar minha renda. Poderia ser a renda dos pães de Luiz, mas não éramos casados, e nem tínhamos dinheiro para realizar uma união estável ou casamento civil, não tínhamos nada. Foi então que após eu contar que trabalhava em diversas funções na loja, para além do que constava em minha carteira, ela deu a ideia de pedir a meu empregador uma declaração constando o pagamento de um valor pago “a mais” do salário, pelos serviços que realizava na empresa.

Minha relação com meu empregador era difícil, permeada por medo e autoritarismo. Eu não tinha coragem de pedir “esse favor”. Foi quando minha mãe ligou para loja sem o meu conhecimento, em meu horário de almoço, e falou com ele. Foi uma surpresa tamanha quando cheguei e ele me disse que assinaria a declaração.

Minha tia é contadora, e redigiu o documento, o qual ele assinou e registramos em cartório. No outro dia demos entrada na solicitação do financiamento. Clausina me informou que no meu caso seria necessário uma entrevista com o gerente da Caixa, caso ele aprovasse, estaria selado o contrato.

Estava a alguns dias dos sete meses de gestação quando realizei a entrevista com o gerente da Caixa, localizada na Avenida Getúlio Vargas, em meu horário de almoço. Ele tinha uma expressão tão séria, que sai de lá conformada que não daria certo.

Não recebi mais novidades de Clausina, no outro dia a noite, estava na xerox de Júnior fazendo a impressão de um trabalho, que hoje não recordo mais de que disciplina, quando ela me ligou. Me disse que havíamos conseguido, com aquelas condições da simulação e que no dia seguinte assinaria o contrato na Caixa. Uma felicidade imensa se apoderou de mim. Minha filha teria um lar.

---

<sup>18</sup> Art. 1o O Programa Minha Casa, Minha Vida - PMCMV tem por finalidade criar mecanismos de incentivo à produção e aquisição de novas unidades habitacionais ou requalificação de imóveis urbanos e produção ou reforma de habitações rurais, para famílias com renda mensal de até R\$ 4.650,00 (quatro mil, seiscentos e cinquenta reais) e compreende os seguintes subprogramas: I - o Programa Nacional de Habitação Urbana (PNHU); II - o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR).” (BRASIL, Lei 11.977, 2009)



Imagem 6 - Registro realizado durante assinatura do contrato de financiamento da casa em 24 de outubro de 2017.

No dia desta foto estava assinando os papéis do financiamento de nossa casa, foi tão corrido que não lembrei nem de tirar fotos, a corretora quem tirou essa sem que percebêssemos e nos mandou depois. Mal passei os olhos nos papéis que assinei. Estava tão exausta que a expressão do meu rosto mostra isso, mas eu estava feliz, com um alívio no peito.

Casa financiada, agora eu tinha a minha maior dívida a pagar, e não tinha nada de móveis e eletrodomésticos para viver nela. Uma grande rede de solidariedade dos familiares e amigos foi fundamental para que fosse montado nosso canto.

Tínhamos um guarda roupas solteiro, duas camas solteiro, uma televisão, algumas panelas e pratos. A irmã de José Luiz, Juliana, estava de mudança para João Pessoa, e nos doou um sofá, três lugares, uma geladeira e uma mesa redonda de plástico desmontável. A mãe dele nos deu um fogão que compramos na “olx.” E eu comprei a prazo um colchão Queen, o guarda roupas de Isis e paletes, com os quais construímos uma base para nosso colchão. Armários usados que minha tia trocou por novos, foram também doados. Assim “montamos” nossa casa, e assim vivemos.



Imagens 7 e 8 - Registros da construção do muro e mudança para a nova casa. 18 de dezembro de 2017.

O berço da minha filha foi reciclado. Aproveitei a estrutura de ferro de um moisés que havia sido de minha irmã, e estava abandonado na casa de minha mãe. Reforcei toda estrutura, comprei espumas anti alérgicas da melhor qualidade que podia pagar, e refiz todo revestimento, bem como o novo colchão. Pintei os pés de ferro que ficaram como novos. Minha avó, hoje bisa com seus noventa anos, na época tinha 85, costurou toda parte de ornamentação do enxoval, fez lindas bonecas com roupinhas de algodão colorido para enfeitar o quarto. Ganhei uma mala de bebê e roupinhas lindas que foram da filha de minha madrinha.



Imagem 9 e 10 - Registros do Chá de bebê de Isis. 5 novembro de 2017.

Selecionei essas fotos do chá, em que minha família da universidade aparece. Segundo meu colega Lucas Alexander, “o melhor chá de bebê que ele já havia ido”, apesar de ser o seu primeiro. Precisava de tudo do enxoval para minha filha, estava no sétimo mês de gestação, tudo pra mim era tão louco e incerto.

Para conseguir fraldas, fiz um chá de bebê onde a maioria dos convidados se fez presente e me ajudou muito. Tudo da festinha nós fizemos, o bolo, os doces, as lembranças, os

convites. Precisava que fosse o menor custo possível. Isis agora tinha o mínimo de estrutura para nascer.

### 3.3 Dos desafios de uma gestante e universitária: corpo em gestação e puerpério

Trabalhar e estudar grávida, tendo em vista as condições econômicas e o ritmo de minha rotina, não foi fácil. Após a descoberta da gestação, logo a barriga começou a crescer e pesar. Passava o dia inteiro em pé, correndo de um lado a outro para dar conta das demandas da loja em que trabalhava, e a noite tinha que dar conta de tudo da universidade, o tempo de descanso era quase nenhum.

Trabalhava em uma loja de ferragens na rua João Pessoa, subia pela manhã a pé da integração até lá, pela rua Índios Cariris e, como na maior parte do tempo só tínhamos eu e João para dar conta de tudo, eu precisava continuar ajudando ele na separação dos produtos para os clientes. De cortar lonas pesadas, a cabos de aço, de subir e descer escadas, de limpar e organizar tudo. Não tinha como “não fazer”, era a única fonte de renda que eu tinha, e não podia perder, principalmente naquele momento em que um bebê estava a caminho. Continuava tendo apenas o banco alto de madeira para sentar, nos momentos de realizar os trabalhos mais burocráticos da loja. A verdade é que era extenuante.



Imagens 11 e 12: Primeiro registro de minha barriga depois da descoberta da gestação. Sentada no banco de trabalho, em 2 de outubro 2017. No segundo registro banco em que trabalhava no caixa de loja.

Ao fim do expediente, tinha que correr o mais rápido que podia a pé (pois não tinha dinheiro para pagar mais transportes no dia) para casa de uma de minhas avós. Com a gestação, passei a ir sempre para casa de minha avó Lourdes, moradora do bairro Monte Santo, pois ela tinha a preocupação de preparar uma comida quentinha e saudável para mim, e naquele momento não podia mais ir com fome para a universidade. Infelizmente, no banheiro

com chuveiro que havia em meu emprego, eu continuava sem poder tomar banho, e na chegada na UFCG, não teria janta, o RU ainda estava desativado. Eu não tinha dinheiro para comprar lanches na UFCG, o dinheiro que dava para gastar, era apenas o das xerox de textos que os professores passavam para lermos. Então eu subia todos os dias a ladeira entre o fim da Rua João Pessoa e o Cemitério do Monte Santo a pé, para tomar banho e comer.

Foram os meses mais difíceis para mim, com a gestação e o peso da barriga, a coluna doía muito, as pernas queimavam, eu estava ainda mais cansada e sonolenta que antes, e tinha que enfrentar uma rotina que para muitos era loucura. Muitas vezes, por não suportar, eu parava no meio da ladeira, sentava em qualquer batente de algum comércio ou casa para descansar e chorava copiosamente. Quantas e quantas vezes eu não me perguntava se eu ia aguentar, me culpava por não proporcionar a minha filha a tranquilidade gestacional que ela precisava, e ao mesmo tempo buscava forças de onde hoje, nem sei de onde retirei, para continuar, principalmente por ela, pensando no futuro dela.

Lembrar do período de minha gestação e puerpério para mim é algo muito duro, pesado. O momento da vida da mulher que mais romantizam que é o da gestação, o do nascimento de um filho, para mim, trazem recordações de uma Shayenne fragilizada, com medo e exausta. Hoje busco não me culpar mais devido a esse processo em minha vida ter sido da forma que foi, mais ainda doi.

Foi nesse momento que recebi ajuda de muitas pessoas. Uma delas foi meu tio Cleidson, que infelizmente faleceu a dois anos. Ele era cabo da polícia militar, e tinha uma moto. Todos os dias ele se dispôs a me levar da casa de minha avó até a universidade.



Imagem 13: Registro na casa de minha avó materna Dona Lourdes. Estava pronta para ir à UFCG. Ao fundo aparecem minha mochila e o capacete que usava para pegar carona com meu tio. 17 de outubro de 2017.

Como saía às 17:30 do trabalho e a aula começava às 18:30, era pouco tempo para pegar um ônibus. Não daria tempo. Nos dias que tinha trabalho a apresentar ou prova para fazer no primeiro horário, eram os dias que realmente não podia me atrasar. Meu tio me levava de moto. Como estava grávida, já com mais de 6 meses de gestação, ele seguia devagar “quase parando” na moto, para evitar os solavancos no caminho. Nos dias que eu precisava e ele estava de plantão, ele pedia ao sargento para me dar uma carona na ida para o trabalho, dentro do carro de patrulha. Hoje ele não poderá ler sobre o que escrevo agora, ele nos deixou vítima de seus traumas, vícios e do câncer. Mas em meu coração, guardo gratidão por ser um dos que me estenderam a mão nesse momento tão complexo em minha vida.

Para realizar todas as atividades da universidade era muito difícil, noite adentro lutava contra o cansaço extremo para estudar. A partir da gestação passei a me cobrar ainda mais no desenvolvimento dos trabalhos, pois queria garantir boas notas, para quando me afastasse devido o parto, pudesse ter mais tranquilidade.



Imagem 14 - Registro de confraternização de natal na disciplina de Civilização Ibérica, realizada no bloco CH - 22 de dezembro de 2017.

Nessa foto estávamos próximo ao fim do ano, é uma das poucas fotos que tenho em sala de aula grávida, na verdade tenho poucos registros desse período em minha vida, corria tanto que mal dava tempo de pensar em fotografias. Foi um momento maravilhoso. A mãe da professora, bastante idosa estava nesse evento, lembro dela tocando em minha barriga, e muito católica, abençoando a hora do meu parto. Foi emocionante.



Imagem 15 - Registro do acervo da autora.. Eu estudava para entrega de alguns trabalhos, em 2 de fevereiro de 2018.

De todas as fotos aqui compartilhadas, acredito que esta seja a que mais representa minha experiência de gestante em meio a rotina que eu tinha. Pensei muito se traria ela neste relato, pois é uma foto bastante íntima para mim. Ela expõe minhas fragilidades. É como se ao olhar para essa foto eu fosse transportada de volta a aquela Shayenne, ao turbilhão de coisas que estava sentindo e vivenciando. Mas ao mesmo tempo, olho para ela e reconheço a força que há em mim. Esse registro foi feito no dia dois de fevereiro, estava em minha nova casa, em um dia de folga do trabalho. Estava então no nono mês de gestação. A exaustão, pés e pernas inchadas, as dores na coluna eram meu sobrenome. Adormeci ao tentar ler. Meu sono era deficitário a um tempo já. Isis nasceria alguns dias depois. Estava no meu limite físico e mental.



Imagens 16 e 17 - Registro do acervo da autora. Preparação para o parto. No segundo: Momento do nascimento de Isis. 10 de Fevereiro de 2018.

Como já trabalhei no tópico inicial deste relato, a experiência para Bondía é “aquilo que nos passa, nos acontece, que nos toca” (BONDÍA, 2002, p.21) e como é a partir dessa compreensão do que é a experiência que construo este relato, trago aqui essas duas imagens. Elas retratam o momento de uma das experiências, ou a experiência, que mais me marcou, que me tocou. Gerar e “parir” um novo ser humano foi para mim, uma experiência singular e extraordinária.

Uma semana antes do dia do nascimento de Isis, sentia já muitas dores pélvicas e cólicas, e fui ao médico, graças a uma consulta particular que minha tia conseguiu para mim. O médico, Dr. Francisco Couto, perguntou sobre o pré-natal e os planos para o parto, confesso que ali caiu a ficha para mim que iria “parir”. Ainda não tinha tido tempo para me demorar a pensar no assunto. Ele fez o exame de toque e percebeu que estava com 1 cm de dilatação do colo do útero. Ele recomendou então que me afastasse de imediato do trabalho para ter mais repouso, e que fica-se alerta pois naquela semana eu poderia entrar em trabalho de parto. Se até sábado, dia 10, nada ocorresse, deveria ir até o Hospital Clípsi, onde ele estaria de plantão pelo SUS e me avaliaria.

Chegou sábado e eu não havia entrado em trabalho de parto. Desejava muito o parto normal, mas pensava acima de tudo na saúde de Isis. Ao chegar lá, Dr. Francisco me recebeu e foi realizar o toque novamente, quando percebeu uma mancha, parecia uma veia dilatada passando em meu umbigo. Ele tocou a marcha e eu senti uma dor, uma espécie de agonia no local. Não havia passado dos 1cm de dilatação, e aquela “mancha” na verdade era uma hérnia umbilical. O Dr. orientou que eu realizasse a ficha de minha internação e que a enfermeira me explicaria tudo, pois haviam outras gestantes aguardando pelo médico.

Fui até o quarto e já haviam outras gestantes em trabalho de parto lá. Estava fazendo minha ficha, e com esperança que seria tudo normal. Luiz me deixou fazendo a ficha e desceu para tentar comer algo, quando a enfermeira me explicou que devido às circunstâncias de minha gestação já passar das 40 semanas, eu não ter evolução de dilatação e uma hérnia umbilical como fator agravante, o médico optou que o mais seguro era a cesariana. Fiquei em choque novamente, não esperava por aquilo. Mas era o mais seguro para nós, então encarei.

Liguei para José Luiz e ele voltou correndo, estava ainda na metade do caminho. Ele foi meu acompanhante. Levaram ele para preparação para o parto em uma sala e me levaram para outra. Vesti essa roupa verde das imagens e me direcionaram para o centro cirúrgico. A enfermeira foi bastante gentil e paciente comigo, mas eu estava apavorada. Queria meu

acompanhante ali, naquele momento comigo. Ela apenas me dizia que ele só tinha autorização de entrar na hora “certa”.

Primeiro respirei fundo para introdução da sonda, depois as furadas para o soro e medicação, depois era a hora do que mais temia, a anestesia Rack. A barriga estava enorme e tinha que forçar bastante pra frente para que o anestesista não errasse o local da aplicação. Eu chorei nesse momento, pois estava só. Meu acompanhante não pode estar comigo, e eu estava irritada com aquela situação, eu sabia meus direitos.

Deitei na maca, e a enfermeira colocou duas placas, espécie de madeiras apoiando cada braço meu, e amarrou. Colocou os equipamentos de monitoramento em um dos braços e o cateter nasal para oxigênio. Próximo a meus pés, na lateral direita, via uma mesa com “a prataria” que seria usada na cirurgia. A minha frente a enfermeira estendeu um pano azul marinho, e a partir dali só conseguia ver os equipamentos de monitoramento e o relógio na parede que já marcava 11:30. A enfermeira já havia me avisado que ele estava terminando a cesárea de outra paciente, na ala privada do hospital, e logo depois da higienização viria para realização do meu. Sentia tanto nervosismo que a respiração ficou mais difícil. Foi quando ouvi a voz do médico, mas não via meu acompanhante.

Escutei então alguém entrar na sala, ouvi o médico dizer: “tá difícil puxar” e o anestesista dizendo “vou dar um impulso”. Ele foi para trás do pano azul e fez uma pressão com as mãos na parte de cima da minha barriga. Naquele momento me faltou o ar. Senti algo sair de dentro de mim, mas não a dor. Ouvi a enfermeira dizendo: “respira mãezinha, respira” e aumentou o fluxo de oxigênio em minhas narinas. Eu chorava. Não conseguia ouvir o choro de Isis. Quando ela chorou, eu finalmente respirei. Eram 11:50.

Vi então Luiz e a enfermeira se aproximando com Isis nos braços. Queria muito, mas não pude abraçá-la naquele momento. Senti sua pele encostando em meu rosto, era quentinha e úmida, nunca havia sentido algo assim encostar em minha pele. Aquele pequeno toque foi algo que jamais esquecerei. Luiz acompanhou o parto do outro lado do pano. Depois desse momento ele seguiu com a enfermeira e Isis para o berçário, eu continuei na cirurgia.

Vi muito muito sangue escorrer ao meu lado esquerdo e senti muitos impulsos e movimentos no corpo enquanto o médico me costurava. Demorou bastante, saí da sala já perto das 13:00. Me levaram junto de Isis para o quarto das puérperas pós-cesarianas. Não podia me mexer, nem falar naquele momento. Foi então que vivi outra experiência extraordinária, o

amamentar. A primeira mamada de Isis foi uma mistura de muita dor e satisfação por ter bastante leite jorrando de meus seios. Era tudo muito louco e lindo.

Minha filha nasceu em um sábado de carnaval, as equipes do hospital estavam reduzidas. No outro dia de manhã tiraram minha sonda, e eu já podia sentar. Logo quando precisei levantar para urinar e tomar meu primeiro banho, senti a vista escurecer e caí de volta na maca. O médico me visitou e avisou que era normal, pois perdi muito sangue no parto. Que eu come-se e tenta-se novamente. Consegui tomar banho, ir me recompondo aos poucos, já não via a hora de estar em casa com meu bebê.

Luiz foi meu porto seguro durante o pós parto. Me deu todo o apoio e carinho que precisava naquele momento. Do banho e comida, a troca dos absorventes e lençóis manchados de sangue. Ele estava lá em tudo.

### **3.4 Do apoio a gestante a um puerpério em regime de atividades domiciliares na UFCG**

Durante o período de minha gestação não consegui me sentir apoiada pela instituição UFCG. Na verdade, no curso noturno, não via muitas gestantes na UFCG, quase nenhuma. Não soube até hoje de nenhuma ação dentro daquele espaço voltada ao acolhimento de estudantes gestantes, por exemplo. Durante a gestação buscava cumprir com as atividades da mesma forma. Por mais exaustiva que fosse minha rotina, os momentos em sala de aula eram muito estimulantes. Os professores, ou pelo menos a maioria, foram bastante pacientes e compreensivos com as dificuldades que eu enfrentava, mas não foram todos.

Já bem no fim da gestação, descobri através de uma professora, que para realizar as últimas atividades do período, precisava dar entrada em um processo solicitando o regime de atividades domiciliares, que tem garantia na legislação vigente na UFCG.

Até então, os processos deveriam ser abertos pessoalmente na UFCG, e não de forma online através do sistema SEI, como é hoje. Assim fiz. No dia 29 de janeiro de 2018, reuni os documentos necessários, bem como o laudo médico de minha última ultrassonografia, e anexei ao processo N° 23096.001253/18-43.<sup>19</sup> Faltava um mês para as férias, estávamos em fim de período letivo.

Foi solicitado pela Unidade Acadêmica de História que realizasse um perícia médica no posto médico e odontológico da UFCG, no dia 02 de fevereiro de 2018. Marquei a consulta para o mais breve possível, sendo realizada no dia 07 de fevereiro de 2018. Apenas 3 dias

---

<sup>19</sup> O processo em questão encontra-se na íntegra nos anexos deste relato de experiência.

depois Isis nasceria. Foi o Doutor Osman Medeiros que me atendeu e prescreveu um laudo o qual orienta o regime de atividades domiciliares pelo prazo de 120 dias.

Anexei o documento ao processo, que foi deferido. Os professores os quais eu estava cursando disciplinas receberam documento de ciência do processo e todos atestam seu conhecimento. Recebi por e-mail a confirmação do conhecimento dos professores, e dos e-mails de cada um, como canal para desenvolvimento das atividades e envio das mesmas.

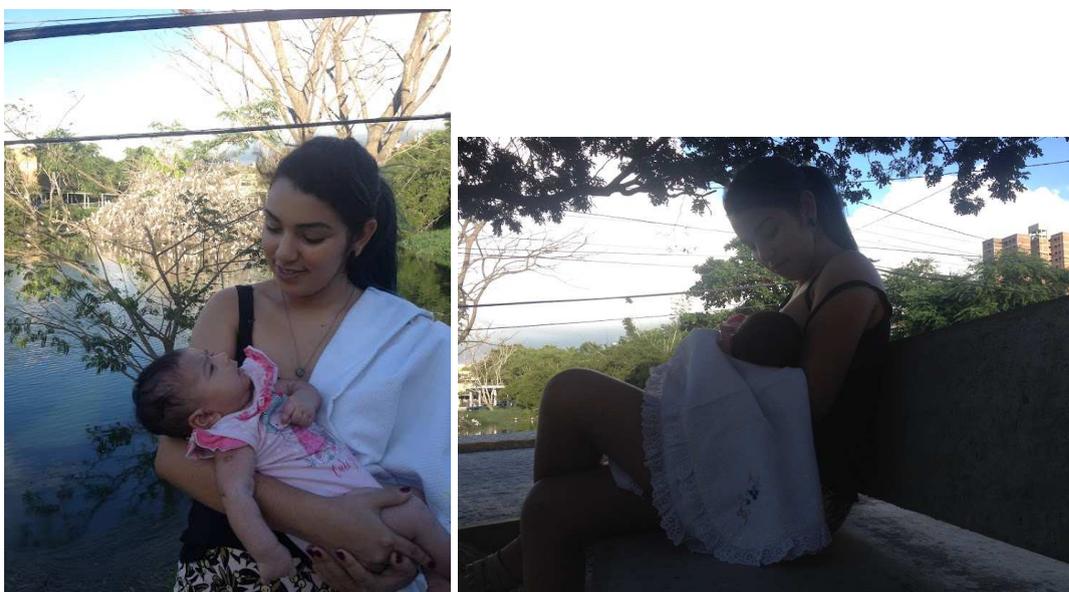
O período estava acabando bem no início de meu puerpério. Isis tinha dias de nascida. Sentia muitas dores da cirurgia e ainda me adaptava à rotina com um bebê, mas eu precisava enviar os trabalhos finais para os professores que faltavam. Como eu não tinha computador e nem internet ainda, na “casa nova”, tive que passar alguns dias na casa de minha mãe para digitar e enviar os trabalhos. Passei dois dias grudada na frente do computador para dar conta. Havia realizado algumas leituras tanto antes do parto como na semana que se seguiu em casa, então já tinha noção do que escrever. Tentei fazer o meu melhor naquele momento, mesmo hoje sabendo que o meu melhor não foram trabalhos tão bons quanto eu faria, se não fossem as circunstâncias. Lembro de naquela época, no auge da fragilidade, ainda me culpar por não conseguir fazer algo melhor. Ao terminar os trabalhos, enviei cada um para o e-mail que recebi da coordenação de cada professor. Agora poderia ter alguns dias de sossego com o bebê.

Desesperador foi quando, no dia do sistema fechar para implantação das notas, 24 de março daquele ano, meus colegas de turma ligaram para avisar que o professor José Otávio estava querendo notícias minhas, se havia desistido de sua disciplina ou não, pois não recebeu nenhum trabalho meu. Nessa hora eu gelei, será que havia enviado o trabalho para um e-mail errado? Chorei ansiosa. Sai me arrastando até a casa de uma vizinha no fim da rua, para acessar meu e-mail e verificar o que havia acontecido. A verdade é que o e-mail do cadastro do professor na coordenação era antigo, e ele não o utilizava mais. Consegui falar com ele pelo facebook e enviar o trabalho para o e-mail correto.

Não pude ver a nota que tirei neste trabalho, só tive acesso a nota final da disciplina, um 7,0, que para mim teve um gosto amargo de “passou raspando”. Foi a minha menor nota em uma disciplina. Hoje consigo enxergar o contexto em que estava vivendo, que não fazia sentido me sentir culpada, mas na época eu me culpava muito.

O período 2017.2 acabou em março, houve um recesso rápido de alguns dias, devido o atraso do calendário letivo, e o período 2018.1 começou as matrículas em 03 de abril daquele

ano, as aulas começaram no dia 09. Eu me matriculei no mínimo de disciplinas possíveis para tentar “dar conta”. Como o processo de regime de atividades domiciliares teria duração de 120 dias, fui à coordenação logo no início do período, para verificar a continuidade do regime de atividades domiciliares, meu direito. O que ocorreu foi que recebia a informação de que precisava solicitar a continuidade, tendo em vista ser um novo período. Em resposta a minha solicitação, a Coordenação Geral de Graduação indeferiu a continuidade do regime domiciliar, alegando que o laudo da perícia médica só tinha validade para o período 2017.2. Mas eu sabia de meus direitos, e lutei por eles até quando pude.



Imagens 18 e 19 - Registros feitos enquanto amamentava Isis próximo ao lago da UFCG - 5 de Abril de 2018.

Essas fotos foram tiradas por Luiz, no dia em que fomos até a UFCG para saber sobre a situação do meu processo na coordenação do curso de História. Antes passamos pelo lago e sentamos nos bancos de concreto que ficam às margens. Um lugar que sempre gostei bastante dentro da universidade, em que vivi muitos momentos importantes com meus amigos.

Em consulta à Legislação vigente na UFCG, verifiquei que o subseção III<sup>20</sup> que trata do Regime de Exercício Domiciliar, consta apenas que alunas gestantes a partir do oitavo mês de gestação teriam direito ao afastamento, mas não determina o prazo deste afastamento. Em consulta à legislação do MEC a nível nacional, pela lei 6.202<sup>21</sup>, de 17 de abril de 1975, a

<sup>20</sup> CÂMARA SUPERIOR DE ENSINO DA UFCG. Regulamento do Ensino de Graduação da Universidade Federal de Campina Grande. Resolução N° 26/2007. Campina Grande, 13 de dezembro de 2007. Disponível em: <<https://pre.ufcg.edu.br/pre/component/phocadownload/category/9-legislacao-ufcg?download=16:regulamento-do-ensino-de-graduacao>> Acesso em 29 maio 2023.

<sup>21</sup> BRASIL. Lei No 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei n° 1.044, de 1969, e dá outras providências. Brasília, 17 de

estudante gestante teria direito a três meses de afastamento, que poderiam ser prorrogados conforme laudo médico.

Recorri da decisão, e o novo processo foi encaminhado para PRE, de Nº 23096.016245/18-98<sup>22</sup>. Já era 16 de maio. Enquanto isso, a professora e coordenadora do curso, Silêde Cavalcanti, foi uma pessoa muito importante à frente desse caso. Ela se comprometeu em conversar sobre aquelas circunstâncias com cada professor em que eu cursava disciplinas, para que compreendessem minha situação e fossem mais flexíveis.

Mesmo com a compreensão dos professores, não dava pra faltar muito, pois me prejudicava. Haviam prazos de atividades e provas que não podiam ser diferentes. Eu levava meu bebê o máximo de dias possíveis para a universidade. Naquela época não existiam os ubers, tão comuns hoje. Pegar um táxi da UFCG para o Portal Sudoeste, a cinco anos atrás, estava fora de questão. O valor era absurdo e a maioria não pegava corridas para aquela região à noite, turno em que estudava.

Nós íamos e voltávamos de ônibus. Para maior comodidade e segurança da minha filha, eu comprei um bebê conforto para carregá-la nele. Meu bebê só tinha três meses de vida, o tempo começava a esfriar em Campina, e um misto de medo de algo ruim acontecer com ela, junto a culpa por levá-la, e ao mesmo tempo a necessidade de continuar o curso, não parar, também por ela, me lavavam a um grande conflito interno.

Enquanto isso, o processo corria. Anexeï ao processo o registro de nascimento de Isis como prova da data de seu nascimento. Foi solicitado então que realizasse nova consulta com o médico do posto da UFCG. As novas informações sobre o processo só chegavam até mim por e-mail. Muitas vezes a coordenação informou ter tentado contato telefônico comigo, e eram sempre mal sucedidos pois no bairro Portal Sudoeste o sinal das operadoras simplesmente não funcionam. Um mal que persiste até os dias atuais.

Realizei a consulta no dia 06 de junho de mesmo ano, onde o médico declarou em laudo que eu tinha direito ao afastamento pelos 120 dias, a partir do dia 07 de fevereiro, como havia explicitado no laudo anterior, e que esse prazo era sujeito a prorrogação por 180 dias, para fins de aleitamento materno.

O processo foi encaminhado então para deliberação do plenário da Câmara Superior de Ensino, já era dia 21 de junho. O que aconteceu a partir daí é que não recebi mais nenhum

---

abril de 1975; 154º da Independência e 87º da República. Disponível em:  
<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm)> Acesso em 29 maio de 2023.

<sup>22</sup> O novo processo que foi aberto encontra-se também na íntegra nos anexos deste relato.

e-mail a respeito do processo. Eu já havia “feito das tripas coração” para cumprir todos os compromissos do curso e frequentar as aulas. Já estávamos nos aproximando do fim do período, e não havia uma resolução do processo. Cheguei ao fim do período, com sacrifício, passei nas disciplinas. E não soube mais do processo, até o dia em que voltei a coordenação, em busca de acessá-lo, para construção deste relato.

Foi então que descobri que em 29 de junho, o processo foi encaminhado para a conselheira Priscilla Maria de Castro Silva para realização de sua análise. E que em 27 de julho ela havia dado parecer favorável à minha solicitação. No processo consta o envio de e-mail para mim, com esta informação, com o processo em anexo, e a informação de que a coordenação só tomou ciência do parecer naquela manhã, no dia 09 de agosto de 2018. E-mail que nunca chegou até mim. O fato é que, como é informado no próprio corpo do e-mail, o último dia para lançamento das notas era dia 11 de agosto.

Tamanha foi a burocracia para o reconhecimento dos direitos e particularidades de uma gestante e puérpera, que mesmo com todos os laudos e documentação comprobatória de minha boa fé, durou o período inteiro. O “parecer favorável” faltando dois dias para o fim total do período, mais do que lastimável, foi vergonhoso, anticonstitucional e desumano.

### **3.5 Pensando o espaço universitário enquanto mãe**

Após o período de 2018.1, com dificuldades que já foram imensas, mas que consegui ultrapassá-las, veio uma fase ainda mais difícil. Sabe aquele ditado de “o que tá ruim, não pode piorar”, pois é, pode sim.

Durante o fim do período 2017.2 e o 2018.1 eu estava de licença maternidade do meu emprego. Tinha direito a 4 meses de licença, e como eu tinha férias a vencer, aproveitei para tirar tudo junto. Já no período 2018.2, não, eu voltei a trabalhar.

A minha rotina cada dia ficava mais e mais sobrecarregada. Agora enfrentava uma tripla jornada, ou quádrupla, não sei defini-la. Saía às 06:00 da manhã correndo para pegar o ônibus que saía do Portal lotado. A quantidade de ônibus no bairro era bem pequena na época, e o fluxo de moradores trabalhadores do comércio era enorme. Íamos todos “apipados” um em cima do outro, era uma luta encontrar um lugarzinho menos sufocante, mesmo em pé. Chegava na integração por volta das 07:20 para subir a ladeira da Índios Cariris e estar às 07:30 em ponto no trabalho, a viagem era longa. Para completar levava comigo uma mochila

com roupas, itens de higiene e o material da universidade nas costas, e o bebe conforto de Isis nas mãos.

Ao fim do expediente, subia a ladeira para o Monte Santo a pé, tomava um banho muito rápido e corria para pegar um ônibus e ir para UFCG. Chegando lá, José Luiz estava com Isis no CH, me esperando para amamentá-la. Foi uma fase difícil, ela mal estava se alimentando em casa, agora longe de mim o dia inteiro. Era inviável amamentá-la em meu emprego, eu deixava o leite armazenado no congelador, mas ela rejeitava a mamadeira. Ela chorava de fome em casa, e eu de dor nos seios no emprego.

Depois de alimentá-la, íamos para a aula. Na maioria das vezes atrasados. Quando Luiz não tinha aula no primeiro horário ficava com ela, e visse-versa, mas quando tínhamos aula os dois, ela ficava comigo na sala. Quantas e quantas vezes não a amamentei durante a aula, para que ela ficasse quietinha e não atrapalhasse. Alguns professores aparentavam “não notar sua presença”, outros mostravam-se solícitos, mas alguns faziam caras e bocas de desagrado com “aquela situação”.

Saíamos da aula às 21:30 correndo para tentar pegar o ônibus rumo a integração o mais rápido possível. É que próximo às 22:00 horas o ônibus para o Portal passava na integração, e se o perdêssemos, só passaria outro às 23:10. Inúmeras vezes ficamos durante mais de uma hora na integração à espera deste ônibus, que inclusive por ser o último a circular, atrasava. Era inverno em Campina Grande, estava bastante frio. Eu agasalhava meu bebê o máximo possível naquele bebê conforto.



Imagem 20 - Registro de Isis dormindo no bebê conforto no prédio do CH em 10 julho 2018.

Chegando em casa, pensávamos em algo para comer. Era o único momento que eu tinha para ficar com ela, mas eu precisava estudar e dar conta das demandas de atividades da Universidade. Às vezes ficava na cama, com ela dormindo em meu colo, e tentando ler os textos das aulas. Quantas vezes não chorei sem parar de exaustão. Me sentia extremamente pressionada, cansada, e me culpava. Eu queria muito ser uma boa mãe e uma boa aluna, me cobrava intensamente por isso, mas precisava trabalhar pois meu salário era a única renda que tínhamos. Nessa rotina muitas vezes deixei de me enxergar. Olhar para mim no espelho e me reconhecer neste turbilhão.



Imagens 21 e 22 - Registro realizado no antigo LABHIS - 15 de julho de 2018.

Essa foto foi um registro feito por Luiz enquanto amamentava Isis no prédio do CH, na sala destinada ao LABHIS. Hoje este espaço é destinado ao PPGH. Sempre que a sala estava aberta utilizava ela como ponto de apoio para amamentar e trocar as fraldas de Isis em uma grande mesa de madeira que lá estava. Não existia, e após quase cinco anos dessas fotos, ainda não existe um ambiente, dentro da UFCG no campus sede, que seja destinado ao apoio de gestantes ou mães com filhos pequenos. Não existe sequer um trocador em um banheiro para tal função.

Foi na minha experiência enquanto mãe, que precisava levar seu bebê para universidade todos os dias, para não desistir do curso, que me deparei com a total falta de apoio às particularidades e demandas dos alunos dentro do espaço universitário. No meu caso, e no caso de muitas mulheres no Brasil, o de mãe.

A palavra “Universidade” vem de “universal”, supõe um ambiente democrático e igualitário, mas na prática não o é. Passei a refletir cada vez mais sobre como precisamos avançar dentro do próprio ambiente universitário em busca da construção de um ambiente realmente democrático. As mulheres hoje estão no ensino superior graças a muita luta por parte delas. Os trabalhadores e trabalhadoras estão na Universidade graças à luta deles pela incorporação de políticas públicas que favoreceram sua entrada no ensino superior. Mas o ambiente universitário está preparado para atender as demandas desses novos agentes dentro do espaço universitário?

Pensando mais especificamente pelo olhar da mãe, o que parece é que a mulher precisa colocar-se tal como o homem para poder estar naquele ambiente. Conseguimos adentrar a universidade, mas ela fecha os olhos para a maternidade dessas mulheres, por exemplo. Nem todas as alunas do curso de História na UFCG eram mães, nem toda mulher “precisa ser mãe”, mas e para aquelas que o são, qual apoio dado pela universidade para que possam seguir seus cursos? Tem que “se virar” para ter alguém cuidando da criança enquanto ela estuda. Uma avó, uma tia, uma babá. E aquelas que não tem ninguém que possa ajudar, e muito menos dinheiro para pagar, o que fazem? Abandonam o curso, ou levam o filho para sala de aula. Eu escolhi não desistir.

Nos dias que tínhamos muita coisa para fazer na universidade, como apresentar trabalhos e provas, combinamos com o irmão de Luiz, José Vitor, que morava próximo a UFCG, para que ficasse com Isis, mas nem sempre era possível. Quando ele podia ficar com ela, na chegada à universidade, eu a amamentava, íamos até o apartamento correndo, para deixá-la e voltávamos para a UFCG. Ao fim da aula, outra correria para buscá-la. Quase sempre perdemos o ônibus das 22:00 e só pegávamos o das 23:00.

Nas vezes que não era possível deixá-la com ele, não havia outra opção, a não ser apresentar com ela os trabalhos. Lembro-me de um trabalho de Teoria da História, lecionado pelo professor Gervásio, em que apresentei sobre História das mentalidades com Isis no colo. Infelizmente não tenho registros de muitos momentos como esse, mas alguns poucos o pessoal da sala registrou e tenho a felicidade de tê-los.



Imagens 23 e 24 - Registro de apresentação de trabalho para disciplina de História do Brasil I em 4 julho de 2018.

Essas fotos foram tiradas por meus colegas de turma, durante a apresentação de uma trabalho que serviu como nota para disciplina de História do Brasil I, lecionado pela professora Juciene Ricarte. A proposta era que realizássemos uma aula sobre a temática do “dia do índio”, tal qual muitas escolas ainda fazem atualmente, sem respeitar e incentivar a compreensão das particularidades e complexidades dos povos indígenas do Brasil. A ideia era encenar a forma errada de se tratar o assunto.

Como não tinha onde deixar minha filha, acabamos incorporando ela na encenação, como sendo a filha de um “casal de índios”. Até colar de pipocas e penacho de apache fizemos. Neste dia lembro que estava especialmente cansada, não tive tempo nem de passar na casa de minha avó para um banho.



Imagens 25 e 26 - Registros feitos ao final de apresentação do trabalho em 4 Julho 2018

Ao final da “atuação”, Isis adormeceu. Ela estava exausta de tanta agitação, e eu também. A aula havia ocorrido em sala no prédio do CH. Nessas fotos ficou registrado nosso cansaço mas também nossa determinação. Depois desse momento, conseguimos uma carona de carro para casa, foi um grande alívio.



Imagem 27 - Registro da última aula da disciplina de História do Pensamento no Brasil em 19 julho 2018

Outro momento importante para mim, que ficou registrado, foi a aula final da última disciplina que cursei com o professor Benjamim Montenegro, registrada nesta foto. Professor que deu uma contribuição extraordinária para minha formação em duas disciplinas que cursei com ele, e mais ainda, em todos os anos que atuou no curso de História da UFCG. Hoje o professor está aposentado. Ele foi um dos professores a ser bastante flexível e entender a minha situação no período 2018.1, em que corria meu processo. Isis lá, sempre comigo.

Um momento que foi, para mim, muito importante, e que infelizmente não tenho fotos como registro, aconteceu quando cursava o período 2018.2. Era fim de período, Luiz estava cursando a cadeira de História Medieval Oriental lecionada pela professora Manuela Aguiar, eu pagava História da Paraíba I, com a professora Nereida. Teríamos a última prova dessas disciplinas no mesmo dia, uma no primeiro horário, e a outra no segundo. Não tínhamos com quem deixar Isis, então nos revezamos, para cada um realizar sua prova. Quando chegamos na universidade recebemos a notícia que as provas ocorreriam no mesmo horário e sala, pois a professora Nereida não iria poder aplicar a prova, e quem aplicaria as duas, seria a professora Manuela.

Fiquei sem saber o que fazer. Algum de nós dois teria que desistir da prova. Foi quando a professora Manuela disse que ficaria com Isis enquanto realizamos a prova. Isis estava na fase de começar a andar, mas ainda com o apoio do adulto. Ela tinha fixação por

escadas. A prova estava sendo aplicada no bloco do BZ, e a professora ficou subindo e descendo as escadas com ela para distraí-la, até eu terminar a prova.

Foi a prova que realizei em que estava mais preocupada. Respondi as questões o mais rápido que pude e saí para pegá-la. Lembro da professora com a barra das calças levantadas e sem os sapatos, já suada de tanto subir e descer as escadas com Isis. Aquele gesto dela jamais esquecerei.

À medida que Isis crescia, mais difícil era para assistir aulas com ela. Eu havia sido demitida de meu emprego a pouco tempo, então eu e Luiz começamos a colocar horários que dessem para nos revezamos no cuidado de Isis, mas nem sempre era possível que todos os horários batessem. Foi nesse contexto que vivi uma das piores experiências em sala de aula.

Estava assistindo aula da disciplina de História de Campina Grande, no período 2019.1 e Isis estava comigo. Como ela estava grandinha, sentei ao fundo da sala no chão com ela e lhe dei papéis para desenhar e se distrair, mas ela sempre foi uma criança muito comunicativa, e mesmo sem saber, queria falar e participar da aula. Quando finalmente consegui distraí-la, pedi que um colega da turma fechasse a porta da sala, para ela não desviar atenção para o corredor. Foi quando ouvi o professor dizer: “Por favor, abra aí essa porta”, o colega da turma respondeu: “professor, eu fechei por que a menina aqui pediu, para a bebezinha não ficar querendo sair da sala”, e ele respondeu: “Mas é exatamente por isso que quero que você abra a porta”. Eu morri por dentro.

Naquele momento eu peguei Isis no braço, juntei minhas coisas e saí da sala de aula. Comecei a chorar de raiva que sentia no momento. Algumas alunas saíram da sala também, reivindicaram que eu retornasse, que elas me ajudariam com Isis. Eu não estava em condições de voltar, mas o apoio delas foi importante naquele momento.

Depois disso eu pensei mais uma vez em desistir do curso. Trancar. Mas aguentei o tranco e continuei. Foi então que minha irmã, se mudou para minha casa, durante o período, para ficar com Isis à noite. Deixava tudo pronto, a mamadeira pronta, frutas e o jantar. Já deixava Isis alimentada e pronta para dormir. Voltávamos para casa o mais rápido que podíamos. Nessa época os úberes começaram a circular em Campina, e sempre que podia sacrificar o pouco dinheiro que tínhamos, voltava de carro.

Até que aconteceu algo terrível. Luiz estava cursando algumas disciplinas de manhã, eu tinha um artigo justamente da disciplina de Campina Grande para elaborar, que seria a nota total da disciplina. Estava em cima da hora de entregar a introdução do trabalho, e ainda me

faltavam algumas fontes. No dia da semana que minha irmã não teve aula pela manhã, aproveitei para deixar Isis com ela e realizar uma pesquisa rápida no museu histórico de Campina Grande. Como sempre, deixei tudo pronto. Muitas frutas para Isis prontas para seu consumo, pois ela já estava com uma dieta bem diversificada.

Enquanto olhava os documentos, minha amiga Nicole, que também pagava a disciplina e estava comigo, me informou que Luiz estava na linha querendo falar comigo. Ele estava desesperado, me disse que Isis havia se queimado e que estavam no Hospital de Trauma. Eu fiquei sem chão. Me senti a pior das mães do mundo. Um sentimento de um medo louco e de culpa se apoderou de mim. Peguei uma moto até o Trauma. Não sei como consegui me segurar de tão nervosa.



Imagens 28 e 29 - Registro da internação de Isis na ala de queimados do Hospital Regional de Emergência e Trauma de Campina Grande em 22 de Abril 2019.

Avisei aos professores os quais eu teria aulas à noite, do que havia ocorrido. Essa foi a pior noite em um hospital que já passei na vida. Minha irmã havia oferecido frutas a Isis, ela se negou a comê-las e pediu leite. Segundo ela, enquanto colocava a água quente para fazer o leite, sem que ela percebesse, minha filha pendurou-se em seu braço, fazendo derramar um pouco de água quente em suas costas. Ela entrou em desespero e pediu ajuda à vizinha, que a levou ao Hospital. Lá elas avisaram a Luiz e ele me avisou. Foi um pesadelo.

Foi uma queimadura de segundo grau segundo os médicos. Isis é uma menina muito forte e saudável, e logo se recuperou. Mas jurei para mim mesma que nunca mais algo assim se repetiria com minha filha.

Como se não bastasse, o prazo para envio da introdução do trabalho estava se esgotando, e o professor não abriu exceção. Eu virei uma madrugada escrevendo e fiz o que pude, mas enviei a introdução no prazo. Eu não iria perder aquela disciplina, e não perdi.

Não deixava mais Isis com ninguém. Éramos eu e Luiz, nos revezando sempre nos horários para permanecer no curso, mas teve um momento que não dava mais. Então dentre os dois, ele resolveu que trancaria o curso para cuidar de Isis. Eu seguia cursando.

#### **4. O “HISTORIAM EM MINHA VIDA: A CONSTRUÇÃO DA HISTORIADORA/ PROFESSORA E SUA INTERFACE COM A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

##### **4.1 Da exaustão á força do querer: O prazer pelo fazer historiográfico**

Minha experiência no curso de História foi marcada por muitos desafios, mas não foram apenas os desafios que definiram minha formação. Minhas dificuldades na graduação em História foram grandes, mas meu desejo por me fazer enquanto historiadora, concluir minha formação, foi ainda maior.

Sempre me cobrei muito enquanto aluna, primeiro pois sabia que tinha de encontrar dentro de mim muita disciplina para seguir no curso. Não acreditava muito em mim, porque achava que, sendo trabalhadora e mãe, com menor tempo para estudar, eu poderia ser uma aluna medíocre. Mas me cobrava não só por isso. Eu buscava fazer sempre meu melhor na elaboração dos trabalhos do curso, pois sabia que isso me levaria a evolução como historiadora, como a futura professora e pesquisadora que sempre almejei me tornar.

Por mais cansada que estivesse, durante as aulas estava entregue a História. Mesmo quando o tempo para leitura dos textos propostos eram no horário do almoço, na ida para o trabalho, no fim de semana de descanso, sempre senti prazer e curiosidade pela História. O fazer historiográfico encantou-me desde o começo do curso.

Quando fiquei desempregada e tinha mais tempo para leitura e elaboração dos trabalhos, cada dia mais eu mergulhava de cabeça no curso. Vivenciei aulas maravilhosas, palestras, participei de cursos de extensão, de congressos, viagens, tudo que o curso proporcionou e até então eu não podia participar.



Imagem 30 - Registro de Viagem da disciplina de História do Nordeste - 11 de novembro de 2019.

Esta foto registra a viagem no curso em que pude participar. Vivi momentos incríveis e de muito aprendizado. Estávamos estudando sobre o movimento Armorial na disciplina de História do Nordeste, lecionada pela professora Marinalva Vilar. Após as leituras em sala sobre o movimento e os debates, ir ao Recife, visitar a oficina de cerâmica Brennand e o museu, foi especialmente didático. Além disso, vivi momentos com meus amigos que ficaram guardados para sempre em nossa memória.



Imagens 31 e 32- Registros realizados na última aula da disciplina de Historiografia brasileira em 7 de dezembro de 2019.

Essas fotos foram um registro realizado no último dia de aula da disciplina de Historiografia Brasileira, lecionada pela professora Michelly Cordão. Essa cadeira foi de grande importância para mim enquanto historiadora, me abriu novos horizontes na construção teórica e epistemológica, me fez trabalhar o poder de síntese e a construção de artigos mais elaborados com as propostas de atividades realizadas.

Lembro que neste dia apresentamos o último seminário da disciplina. O grupo era composto pelos meus amigos mais próximos, e nos aprofundamos tanto no tema que conseguimos realizar um debate bastante interessante, estávamos em sintonia na realização deste trabalho. Já no final da apresentação, lembro das luzes do corredor se apagarem e pensarmos que estávamos ficando sozinhos no prédio do BG, mas na verdade havia sido minha filha que me aguardava finalizar o trabalho no corredor com José Luiz, e muito inquieta como sempre foi, havia apagado as luzes. Morri de vergonha, mas tudo acabou em risos e comemoração pelo fim do período letivo.

Em 2020 voltei a trabalhar, agora como atendente de telemarketing. A rotina ficou sufocante novamente, a cabeça a mil a toda hora, mas eu não me permitia fazer menos do que o meu melhor no curso. Historiar sempre foi meu desejo.

#### **4.2 A experiência com a EJA em meio a pandemia de covid-19: O primeiro módulo no programa Residência Pedagógica**

Em 2020 estava me encaminhando para o fim do curso. Me revezava entre o trabalho de atendente de telemarketing, a universidade e a atenção com minha filha. Foi quando aconteceu algo que nenhum de nós esperávamos, a pandemia de Covid-19.

O período 2020.1 foi suspenso, o trabalho de telemarketing foi colocado em home office. Tudo era novo e assustador. Trabalhar em Home Office com uma criança de 2 anos em casa não era fácil. O medo da doença alcançar-nos era menos ainda.



Imagem 33 - Registro do acervo da autora. Expediente de trabalho como atendente de telemarketing em Home Office em 13 junho de 2020.

Com o isolamento e o estresse extremo do trabalho em casa, passei a ter crises de ansiedade que me paralisaram. Eu não aguentava mais trabalhar, tinha crises que me faziam vomitar, a barriga gelava, me derramava em suor, o coração disparava e as mãos e pés ficavam dormentes sempre que iria logar no sistema do trabalho. Estava próximo do fim do ano de 2020, e eu estava em uma situação insustentável mentalmente. Foi então que pedi desligamento do emprego.

A universidade decidiu por iniciar um período completamente remoto, 2020.0, em Regime extraordinário. Nos matriculamos em poucas cadeiras, pois era tudo novo no ensino remoto. Foi nesse contexto que me inscrevi pela primeira vez para o Programa Residência Pedagógica<sup>23</sup> no curso de História, mesmo com grande receio de não conseguir passar na seleção. Sempre tive muita vontade de participar de programas como Pibid e Residência, pois era uma oportunidade de me conectar com o ambiente da sala de aula, mas eu não tinha tempo, até então, além da bolsa no valor de 400,00 que seria minha única renda naquele momento.

Passei no processo seletivo, para superação de minhas expectativas. O programa no contexto de pandemia foi dividido em três módulos, o primeiro teve duração de outubro de 2020 a março de 2021, e a cada novo módulo, uma nova seleção foi realizada. Comecei a me questionar como seria a experiência em sala de aula de forma remota. Tudo era novo tanto para os professores como para os alunos, e para nós, residentes, também não era diferente.

A atuação do programa Residência Pedagógica seria realizado na ECIT Assis Chateaubriand, criada em 1976, para funcionamento do 1º grau. Em 1989 para funcionamento do 2º grau, e em 2018 para funcionamento do ensino integral. Localizada no Município de Campina Grande, na Avenida José Tavares, nº 2500, no bairro do Santo Antônio, no estado da Paraíba. O professor que nos acompanhou como preceptor era Prof. Mst. Deuzimar Matias de Oliveira, com as aulas sendo ministradas no turno da noite.

---

<sup>23</sup> O Programa Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. Tem como objetivos: Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; Contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos; Estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores; Valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a futura atuação profissional; Induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>> Acesso 12 jun. 2023.

Iniciamos os trabalhos utilizando a plataforma do Google meet. Era através desta plataforma também que tínhamos aulas do curso na UFCG. Passei a me conectar como aluna e atuar como professora através das telas.

A ECIT Assis Chateaubriand é uma escola pública, que atende a população carente da zona leste da cidade de Campina Grande, e não tínhamos familiaridade alguma com o ambiente da escola, não pudemos visitá-la pessoalmente naquelas circunstâncias, então a única forma de conhecermos melhor os alunos e a dinâmica da escola foi através do Projeto Político e Pedagógico da escola e os grupos de Whatsapp da turma.

Nesse momento os alunos já estavam entrando para o quarto bimestre, o primeiro ano da pandemia havia deixado tudo “de pernas para o ar”, e o que funcionava então na escola era o modelo em que o professor gravava aulas pequenas, com no máximo 15 minutos de duração e passava uma atividade para os alunos responderem em casa. Acho que foi uma tarefa que realmente me desafiou, pois nunca fui muito ligada às tecnologias de mídia e produção de conteúdo digital. Mesmo assim, dei o meu melhor para a produção de vídeo-aulas, e aprendi muito sobre um mundo que desconhecia.

Realizei meu trabalho com a turma C, do Ciclo VI da EJA. Comecei a ler sobre o que era a EJA, como funcionava, e como tornar as minhas aulas mais próximas da realidade dos alunos. O professor disponibilizou os conteúdos que deveriam ser ministrados naquele bimestre, sendo na disciplina de história, os seguintes temas: A crise de 1929; O Nazi fascismo; A Guerra fria; Ditadura Militar e Abertura Política<sup>24</sup>, bem como disponibilizou o Plano Estratégico Curricular para o 4º Bimestre de 2020, em que deveríamos buscar seguir as orientações e temáticas para o quarto semestre dos respectivos níveis que constam no documento.

Trabalhei essas temáticas buscando tecer as conexões históricas entre as temáticas e trazer também perspectivas culturais desses períodos, da forma mais didática possível, dentro do que eu sabia sobre “dar aulas”.

---

<sup>24</sup> O preceptor informou que deveríamos elaborar 04 vídeo-aulas a serem disponibilizadas nos dias 10/11, 17/11, 24/11 e 01/12. Elaborei o plano bimestral com as seguintes temáticas: Aula 01 (10/11): A grande Depressão e a ascensão do Nazi fascismo; Aula 02 (17/11): A Guerra Fria e uma geração contracultural; Aula 03 (24/11): A ditadura Militar no Brasil e Aula 04 (01/12): Movimentos populares e de resistência no período da Ditadura Militar. Para a definição destas temáticas e aulas, utilizei como base a teoria da sala de aula invertida.

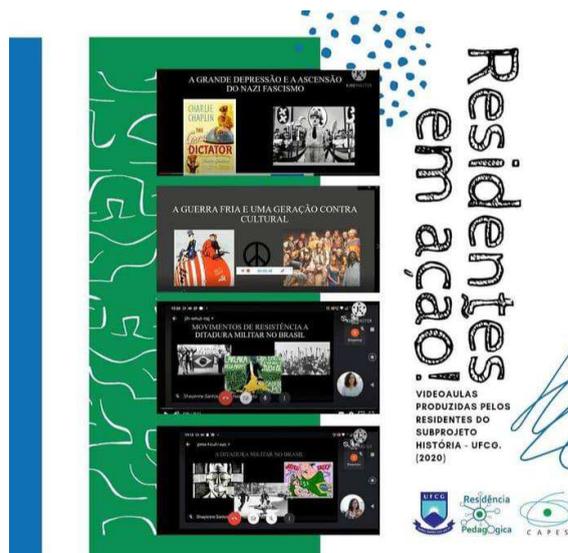


Imagem 34 - Registros das quatro vídeo-aulas elaboradas no primeiro módulo da RP, compiladas em formato exclusivo para post na página do instagram do Programa em 2020.

Enviei as videoaulas e as atividades que constariam como nota do bimestre para os alunos. Tudo era disponibilizado para os alunos através do grupo de whatsapp da turma. Foi muito difícil para todos da área da educação lidar com a situação das aulas remotas. O acesso a conexão de internet pelos alunos do Assis Chateaubriand muitas vezes era inviável. Para aqueles que não conseguiam acessar as aulas, a escola disponibilizou portfólios impressos de atividades elaboradas pelos professores, para que fossem até a escola buscar e responder em casa.

Realizamos também outras atividades na RP, como os encontros a cada semana para uma troca, uma escuta de como estava sendo a experiência para cada residente, além de webinários sobre o uso das chamadas TICs no ensino de História, que foram muito importantes para conseguirmos levar nossas aulas adiante.

A parte mais desafiadora desta experiência foi primeiro, aprender a lidar com as ferramentas digitais, aplicativos para edição de vídeos, elaboração de apresentações mais dinâmicas, que como já havia dito anteriormente, era distante para mim; em segundo, e talvez o maior desafio foi o imposto pela distância com os alunos, por não saber quem eram, olhar no rosto de cada um, ter o mínimo contato de uma conversa, por exemplo, com eles.

Ressalto aqui, a promulgação do decreto publicado no diário oficial nº 17.099 pelo Governo do Estado da Paraíba, como aponta reportagem do G1 PB, onde o Secretário da Educação do Governo da Paraíba informou que “A rede pública estadual de ensino da Paraíba

vai seguir a orientação do Conselho Nacional de Educação (CNE) e nenhum aluno deve ser reprovado em 2020.” (G1 PB, 2020). Esse decreto refletiu “positivamente” nos dados disponibilizados na avaliação da educação no Brasil no ano de 2020, a Paraíba ficando com um ótimo índice, mas para os níveis de aprendizado reais dos alunos, essa decisão foi muito desastrosa.

### **4.3 O uso de fotografias no ensino remoto como “ponte de saber” durante a Residência Pedagógica: O segundo módulo**

Em 2021 estávamos com dificuldade financeira e decidimos viajar para a casa da mãe de José Luiz em Cajazeiras, onde passaríamos o isolamento da pandemia, pensando também em não deixá-la só naquele momento. Lá eu buscava apoio médico para as crises de ansiedade que vinha sofrendo.

Um novo período começou, em 2020.1, seguindo o PAER. Nos matriculamos novamente em poucas disciplinas pelo contexto em que vivíamos. Com o avançar do período, um novo processo seletivo foi realizado na Residência Pedagógica, e novamente fui selecionada. Neste segundo módulo a realidade experienciada na Assis Chateaubriand já foi bem diferente da anterior.

O segundo módulo teve duração de Março à Outubro de 2021. Era início de um novo ano letivo e os alunos estavam no segundo bimestre, o qual assumimos, com duração de 17/05 a 06/08. Como havia poucas turmas para o número de residentes, realizamos nosso trabalho em grupo, ficando eu, e as residentes Amanda Fabyelly Nunes Pimentel e Leticia Alves de Sousa, responsáveis pelas turmas A e B do Ciclo V da EJA.

As vacinas começam a ser distribuídas à população, alimentando assim a esperança do controle da pandemia, mas, ao mesmo tempo, avançava o surgimento de novas variantes pelo país e o agravamento de casos de Covid-19, que dispararam nesse período.

Passamos a dar aulas novamente de forma remota, mas sincronicamente, em salas do Google Meet. Eu utilizava o celular para me conectar às aulas da universidade e dar aulas pelo Residência Pedagógica pois a câmera de meu notebook, já bastante antiga, não funcionava. Foi uma nova experiência vivenciada no ensino, em formato excepcionalmente remoto, que permitiu uma interação um pouco maior, do que o experienciado no módulo anterior.

As aulas síncronas seriam às quartas-feiras, das 20:20 às 21:00. Os conteúdos propostos<sup>25</sup> a serem trabalhados eram Brasil Colônia/ Monarquia (já iniciados no 1º Bimestre pelo professor Deuzimar Matias), Idades Antiga/ Média e Moderna, e temas transversais, tendo em vista a interdisciplinaridade e os conteúdos propostos para a EJA.

Realizamos as aulas buscando abordar dentro desses conteúdos, temas que fossem importantes, mas menos trabalhados em sala, mesclando com temas de maior importância para o enem. À medida que realizamos as aulas, sentimos a necessidade de dividirmos os temas, para que cada residente ficasse responsável por uma aula síncrona.



Imagem 35 - Registro de aula sobre sociedades pré-colombianas realizado em 19 de maio de 2021.

Com a nova organização que optamos para as aulas, uma dava apoio a outra na realização dos materiais e pesquisas das aulas, e na apresentação de slides, enquanto apenas uma residente dirigia a aula. Foi muito bom, pois as aulas fluíam melhor, e pudemos ter experiências mais particulares com a turma.

Lembro do quão nervosa eu ficava cada momento antes das aulas, a ansiedade é algo que se apodera de nós de forma muito forte e é difícil de lidar. Haviam dias que não dormia

<sup>25</sup> A 1º Aula síncrona (19/05), trabalhamos as “Sociedades pré-colombianas: Maias, Incas e Astecas”, onde cada residente falou sobre uma dessas sociedades, utilizando de slides contendo imagens, charges e fotos referente a essas sociedades; Na aula assíncrona (06/05), foi disponibilizada através do Google Forms, uma atividade sobre conteúdo da primeira aula. or sentirmos a necessidade de reforçar este conteúdo, a 2º aula síncrona (02/06), realizamos a correção da atividade sobre Sociedades pré-colombianas.

Na 3º Aula síncrona (09/06), foi trabalhado pela colega residente Amanda Fabyelly Nunes Pimentel a temática das “Sociedades da antiguidade clássica: Gregos”; Na 4º aula síncrona (16/06), a colega residente Letícia Alves de Sousa trabalhou a temática “Sociedades da antiguidade clássica: Romanos”; A partir destas duas aulas, elaboramos a primeira avaliação do bimestre contemplando os conteúdos de antiguidade clássica, a ser entregue no dia 23/06, pois entre os dias 23/06 a 05/07, seria o período de recesso escolar.

pensando em como seria a aula no outro dia. Durante esse período tive muitas crises ansiosas, agravadas pelo isolamento na pandemia. A ansiedade é uma doença sorrateira, que insiste em fazer você pensar que não é capaz de nada. Mesmo assim, eu lutei e luto contra ela todos os dias.

No dia 03 de Junho de 2021, aconteceu um novo encontro de formação do subprojeto em história do PRP, intitulado “A auto fotografia como possibilidade metodológica para uma escrita de si”, onde a convidada professora Damiana de Matos, compartilhou um pouco de sua experiência na pesquisa e ensino sobre a EJA, de como precisamos ter um olhar diferenciado para o Ensino de Jovens e Adultos.

Em um primeiro momento, realizou uma dinâmica sobre o nosso olhar sobre o concreto, o autorretrato, onde propôs que fizemos em nosso caderno o nosso autorretrato, deixando livre o pensamento sobre a forma que nós nos auto retratamos. A partir deste momento conseguimos refletir sobre: “quem sou eu?” Propôs, assim, um mergulhar na sua própria história de vida, suas vivências, sonhos, desejos, desafios, realidades. Em um segundo momento, trouxe fotografias de lugares, como a UFCG, de momentos vivenciados na Universidade, que também nos permitiu realizar novas reflexões, traçando uma ponte através da memória, com a História.

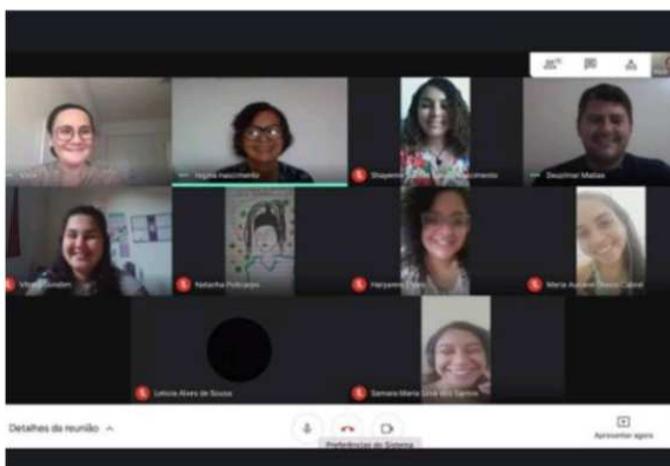


Imagem 36 - Registro do encontro “A auto fotografia como possibilidade metodológica para uma escrita de si” com participação da Prof. Damiana de Matos - 03 junho 2021

Com essa abordagem, a professora mostrou que existem outros caminhos, pontes que

poderiam ser construídas para a aprendizagem, estratégias didáticas, como o uso da fotografia para aproximar professores e alunos. Em um momento tão desafiador, conseguimos diminuir a distância e nos conectarmos um pouquinho com os alunos, para além da conexão virtual.

Com base em estudo sobre a história da fotografia, e de seu uso na educação, propomos uma atividade de registro fotográfico da comunidade ao qual pertencem, visando trabalhar temas transversais, sendo o bairro, a escola ou de algum ambiente que despertasse o senso de pertencimento social aos alunos e alunas e descrevessem o que aquele registro representava para eles.

Uma aula que me marcou bastante foi a quinta aula<sup>26</sup> que lecionamos, após o recesso escolar, onde realizamos uma “Oficina com fotografias: História e memória”, o qual reunimos todo o material enviado pelos alunos na atividade para realizarmos um momento de reflexões.

Iniciamos a aula, apresentando fotografias nossas, da nossa comunidade, da UFCG, de momentos vivenciados em nossa formação, para aproximá-los. Esse momento permitiu que os alunos e alunas nos conhecessem melhor, se identificassem com nossas historicidades, e assim pudessem também compartilhar e refletir sobre as suas.

Durante este momento apresentamos nossa história acadêmica para os alunos, colocamos fotos de nossa vivência na universidade, e uma das fotos que coloquei sobre mim, estava segurando Isis nos braços durante a aula. Foi quando contei aos alunos e alunas um pouquinho de minha vivência enquanto mãe e estudante. Fiquei surpresa com a participação de algumas alunas na aula, que pela primeira vez abriram o microfone na sala do Google Meet e falaram, alguns comentaram através do chat. Conseguimos estabelecer uma ponte com os alunos que ainda não havia fluído.

A participação das alunas e alunos se deu primeiro pelo fato de verem pela primeira vez a UFCG por dentro, e por tomarem conhecimento de que por ser uma instituição pública, todos ali tinham o direito de conhecê-la. Eles achavam que não podiam entrar na universidade e por isso não sabiam como era a realidade lá dentro. Segundo por encontrarem em meu exemplo, um incentivo a não abandonarem o ano letivo, perseguirem seus objetivos. Muitas das minhas alunas da EJA eram mães, abandonaram anteriormente os estudos devido a demanda de filhos, casa e trabalho, mas que haviam retornado a escola em busca de concluírem o ensino médio.

---

<sup>26</sup> 5º Aula Síncrona (07/07).



Imagem 37 - Registro de mensagens enviadas no chat de alunas durante a aula, realizada no dia 07 de julho de 2021.

Muitas sentiram-se mais a vontade de falar de suas realidades, outras elogiaram-me pela força de vontade em seguir estudando em meio aos desafios impostos pela vida. Foi um momento em minha iniciação a docência que jamais esquecerei.

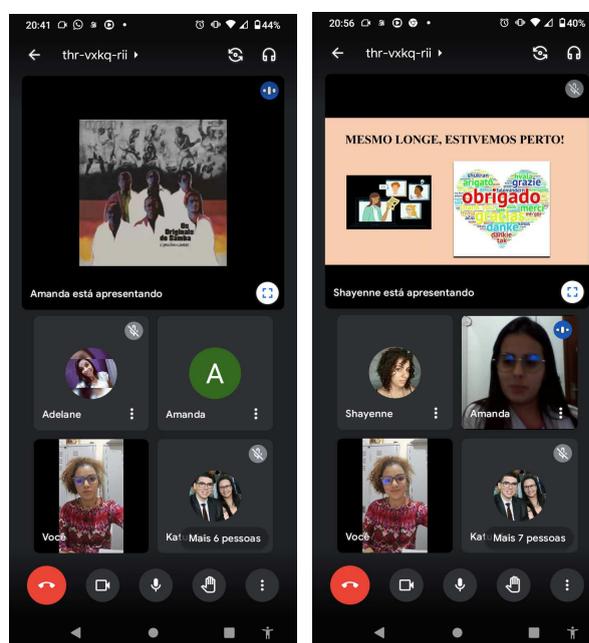
Em um segundo momento apresentamos as fotografias enviadas por eles, de sua rua, de seu bairro, sua comunidade, seu lugar. Contrapondo com registros fotográficos do nosso próprio lugar social, de vivência e memória. Buscamos uma nova forma de reflexão, de abordagem teórico/metodológica para temática, bem como uma forma de conhecimento para nós, residentes, sobre a realidade vivenciada por esses alunos e alunas, tendo em vista o distanciamento social na modalidade de ensino remoto, devido a pandemia de Covid-19.

Nas aulas seguintes, buscamos incorporar à fotografia as temáticas a serem trabalhadas. A sexta aula<sup>27</sup> foi ministrada por mim, e também foi bastante impactante no sentido de experiência de Larrosa, tendo como tema “Continente Africano: uma visão decolonial”, onde busquei trabalhar civilizações, reinos e impérios do continente africano no período antigo e pré-colonial, e quebrar com a ideia de que “África é uma coisa só”, ou “só tem pobreza na África”, utilizando-se de slides contendo imagens, mapas e fotografias das diversas etnias africanas e de um pequeno vídeo que retrata a cultura no Quênia.

<sup>27</sup> A 6ª aula síncrona (14/06).

Da mesma forma a sétima<sup>28</sup> aula, foi ministrada pelo grupo das residentes responsável pelas turmas, com o tema “Influências da cultura Africana no Brasil: Um olhar da escravização ao Racismo estrutural”, onde utilizamos slides apenas com fotografias do período da escravização negra no Brasil, do tráfico negreiro, das casas grandes e senzalas, mas também dos rituais religiosos, danças, músicas, festas, comidas, instrumentos e etc, que compõem nossa cultura brasileira e que são herdados da cultura advinda de diversas etnias africanas. Por ser um tema transversal escolhido, trouxemos reflexões sobre o Brasil hoje através de fotografias das favelas, e da desigualdade social na atualidade, marcada pelo racismo. Com base nos conteúdos das sexta e sétima aulas, elaboramos a segunda avaliação do bimestre, disponibilizada pelo Google Forms.

Para nossa última aula<sup>29</sup>, elaboramos um formulário de avaliação de nosso trabalho, disponibilizamos um formulário do Google Forms como um espaço para que os alunos e alunas falassem o que mais gostaram dentre as temáticas trabalhadas, ou o que não gostaram, o que sentiram durante nosso tempo juntos. As respostas dos formulários serviram para avaliarmos o que foi positivo para a aprendizagem dos alunos e alunas, e como podemos melhorar nosso desempenho, além disso, guiou a discussão de nossa última aula.



Imagens 38 e 39 - Registros realizados durante última aula lecionada no segundo módulo da RP em 04 de agosto de 2021.

<sup>28</sup> 7º aula síncrona (21/07).

<sup>29</sup> 8 aula síncrona (04/08).

Para encerrarmos o nosso trabalho com as turmas e o bimestre, levamos duas músicas do grupo “Os Originais do Samba 5”, onde traçamos reflexões sobre o tema da aula anterior com as letras dos sambas escolhidos, e pensarmos em nossa sociedade, na atualidade, perante a desigualdade. Após este momento de reflexão, e de descontração musical, agradecemos a experiência aos alunos e alunas, aos momentos em que aprendemos juntos, em que buscamos nos guiar pelos ensinamentos do mestre Paulo Freire, que foram de grande importância para nossa formação acadêmica, docente e principalmente para nossa formação humana.

Criamos um laço com cada aluno que frequentou nossas aulas, mesmo que de forma remota, durante este módulo, conseguimos criar uma ponte entre nós, eles aprenderam conosco, mas nós aprendemos muito mais com eles.

Entre os dias 10 e 13 de agosto de 2021, ocorreu o I Seminário do PIBID e PRP Nordeste, que foi um evento de grande importância para os discentes na iniciação à docência, onde tivemos oportunidade de dialogar, aprender e partilhar os desafios e novos caminhos na educação, com professores, pibidianos e residentes de todo o Nordeste. Ocorreram aqui palestras e debates importantíssimos em relação ao momento de isolamento que vivíamos, e o pensar a educação a distância, bem como os impactos da pandemia para a educação.

Durante este módulo, nas turmas que assumimos os alunos matriculados totalizavam 85 alunos, mas nas aulas síncronas, no máximo 17 participavam com frequência. Conseguimos então sentir a dificuldade, a angústia e participar do esforço dos professores e todo corpo escolar, em buscar esses alunos para as aulas, as estratégias para atraí-los para escola. Desde a continuidade da entrega dos portfólios na escola, bem como estratégias de disponibilizar as cestas básicas para os alunos junto às atividades, mesmo assim foi grande a evasão escolar.

Eu estava tendo acompanhamento médico a respeito da ansiedade que desenvolvi, conciliava meu tratamento com a rotina como mãe, professora e estudante em um momento delicado para todos. A saudade de casa começou a bater forte, mas naquele momento não poderíamos voltar. Seguimos isolados e tomando todos os cuidados necessários para nossa saúde.

#### **4.4 Um olhar sobre a história da cidade através da fotografia: O terceiro e último módulo no programa**

Iniciei o novo módulo do Programa Residência Pedagógica, assumindo novamente, o quarto bimestre dos alunos na ECI Assis Chateaubriand, em meio às incertezas em relação a

como se daria o retorno às aulas presenciais. O novo módulo teve início em Outubro de 2021, e encerrou-se em Março de 2022. Foi um novo período de aprendizagens e desafios, dentro do Programa.

Inicialmente nos dividimos em duplas, que iriam assumir as turmas o qual o professor Deuzimar Matias de Oliveira é responsável. A previsão dada pelo professor preceptor, era de que, com o avanço da vacinação, as aulas presenciais iriam retornar.

Em nossa primeira reunião realizada, compreendemos o quão complexo seria esse retorno, tendo em vista as dificuldades vivenciadas pelos alunos de comunidades mais carentes da cidade de Campina Grande, bem como da própria estrutura da Escola em abarcar todas as normas sanitárias, e a necessidade de disponibilização de equipamentos tecnológicos aos professores, para um modelo híbrido de ensino.

Neste terceiro e último módulo que participei do programa, já me sentia mais confiante na execução do trabalho, pois já tinha um ano de vivência com turmas da EJA da escola, e conhecia mais sobre o funcionamento da mesma, mesmo que de forma remota.

Trabalhei em dupla, com a residente Amanda Fabyelly Nunes Pimentel, que além de residente, é minha grande amiga e parceira. Assumimos a turma do Ciclo V da EJA, novamente. A partir dos temas propostos por orientação do Regimento Escolar Interno, e do professor preceptor a serem lecionados na turma, deveríamos abordar temas transversais. Tendo em vista a importância de tratarmos da História local, optamos trabalhar com a História da cidade de Campina Grande com os alunos, a partir do uso de fotografias, como documento histórico da cidade a serem analisados metodologicamente.

As aulas do quarto bimestre seriam de 22 de outubro de 2021 a 16 de dezembro de 2021, ainda no modelo remoto, até que reuniões e consultas com todo corpo escolar fossem realizadas, para a definição de como se daria o retorno às aulas presenciais.

Foi nesse contexto que resolvemos voltar para casa. As vacinas já haviam avançado bastante em relação ao público alvo, nos sentimos mais seguros para viajar e já não aguentava mais a saudade do “meu cantinho”. Logo chegaria minha vez de tomar a primeira dose, e mal podia esperar. Parecia que aos poucos as nuvens que haviam deixado o céu escuro e nublado, começavam a dissipar-se e o sol voltaria a iluminá-lo.

Inicialmente as aulas de História para a turma do Ciclo V da EJA, eram ministradas às quintas feiras, das 20:20 às 21:00, e por decisão do corpo escolar, frente a posição apresentada pelos alunos na consulta sobre o retorno às aulas presenciais, foi de permanecer com as aulas

remotas para os alunos que têm acesso à internet, e com a distribuição de atividades impressas para aqueles que não possuíam, até uma melhor organização para o retorno presencial.

Neste período, vivenciamos a dificuldade da falta de verba dentro da Capes, para o pagamento das bolsas de programas acadêmicos importantes, tal como o próprio Residência Pedagógica, devido ao corte na pasta de Ciência e Tecnologia, pelo governo Federal.

Continuávamos trabalhando da mesma forma, mas além das dificuldades e desafios do ensino remoto, em meio a pandemia, estávamos sem receber um recurso que é tão importante para nós, como alunos de uma Universidade Pública, que era o valor referente à bolsa. Naquele momento o valor da bolsa do programa era minha única renda.

Realizamos diversas mobilizações em prol da efetivação do pagamento das bolsas, mas principalmente em prol da permanência de Programas como a Residência Pedagógica e o PIBID, que tem uma importância extrema para a iniciação à docência.

Em Campina Grande, realizamos o movimento Resiste PIBID e RP, constituído por mobilizações nas redes sociais, bem como na realização de um ato no dia 13 de Novembro de 2021, com discurso e panfletagem realizado no calçadão da rua Cardoso Vieira, importante ponto de movimentação no centro da cidade, durante a manhã, e à tarde com a realização de um Aulão Pré-Enem, que além de chamar a atenção para a importância dos Programas, tinha o intuito de ajudar aqueles alunos que precisavam de um reforço para o Enem, e não tinham condições de pagar cursinhos. Toda a programação desses atos, seguiram os protocolos sanitários de combate a pandemia de covid-19.

Tendo em vista que estávamos vivenciando toda essa turbulência, em nossa primeira aula<sup>30</sup>, buscamos nos aproximar dos alunos, apresentando como se daria o nosso trabalho durante o quarto bimestre, as temáticas que pretendemos trabalhar com eles, ao longo das aulas, sendo a História da cidade de Campina Grande, como também falar sobre a importância da universidade e de Programas como a Residência Pedagógica para educação no Brasil. Apresentamos para eles o que é o Programa Residência Pedagógica, e os aprendizados e desafios que enfrentamos durante a participação no Programa, em meio a pandemia e a falta de verbas.

A ideia é fazer com que eles compreendessem o trabalho que estávamos realizando na escola deles, e aproximá-los do ambiente da Universidade, das questões sociais que nos envolviam, mas que refletiam na educação no país.

---

<sup>30</sup> Ocorrida em 03 de novembro de 2021.

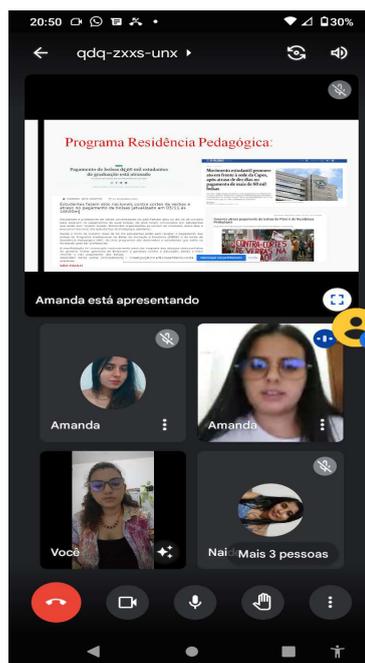


Imagem 40 - Registro da primeira aula do terceiro módulo da RP realizada em 03 de novembro de 2021.

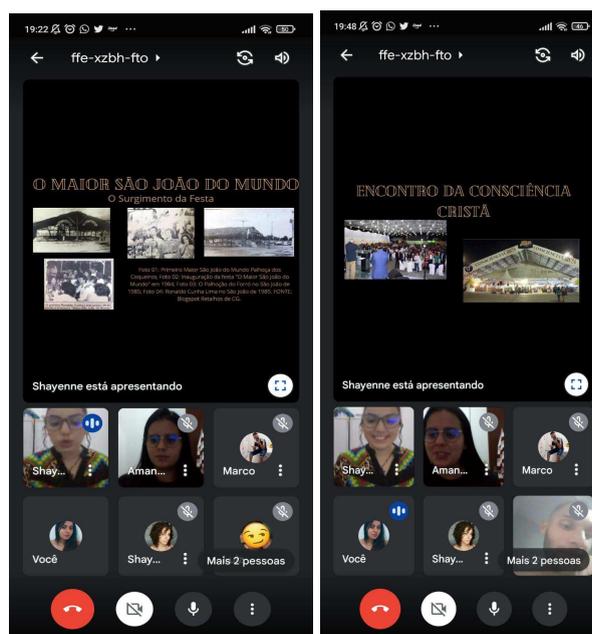
Em nossa segunda aula<sup>31</sup>, com o intuito de iniciação ao tema da História de Campina Grande, com base no uso de Imagens para mediação do diálogo sobre o tema, disponibilizamos para eles uma atividade, onde deveriam assistir uma reportagem da TV Itararé, na qual historiadores apresentaram imagens e falavam sobre o surgimento da cidade, e responderem um pequeno questionário com perguntas sobre sua relação pessoal com a cidade, introduzindo a ideia de pertencimento ao local, bem como sobre a compreensão da reportagem assistida.

Neste mesmo dia, o professor Preceptor nos informou que foi definido como se dariam o retorno das aulas, em formato híbrido, no intuito de cumprir o Decreto Nº 41010 DE 07/02/2021 que estabeleceu o Plano Educação Para Todos Em Tempos De Pandemia - PET-PB, que dispõe sobre o processo de retomada das aulas presenciais dos Sistemas Educacionais da Paraíba e demais instituições de Ensino Superior sediadas no território paraibano. Assim, ficou definido que as aulas de português e matemática seriam presenciais, e as demais disciplinas fariam rodízio durante a semana, ora presenciais, ora remotas. Assim, foi definido um novo horário para nossas aulas que eram as quintas, e foram colocadas nas Segundas, das 19:00 às 19:40.

<sup>31</sup> Ocorrida em 08 de Novembro de 2021.

Na aula seguinte<sup>32</sup>, abordamos o surgimento da cidade de Campina Grande, de aldeia a Vila Nova da Rainha, utilizando como mediação para o debate, slides produzidos na plataforma Canvas, apenas com imagens, bem como a ferramenta Google Meet, para realização do encontro. Encontrei imagens antigas da cidade no blog Campina das antigas, que possibilitaram um conteúdo bastante rico e didático para os alunos.

A aula seguinte<sup>33</sup>, foi presencial e o professor preceptor optou por ele mesmo lecioná-la. A aula que havíamos planejado, sobre o tema da modernização de Campina Grande e o surgimento dos principais cartões postais da cidade, como o Açude Velho, o Açude de Bodocongó, o surgimento do Parque do Povo, etc, foi realizada apenas com uma semana<sup>34</sup>. Seguimos o mesmo padrão das aulas anteriores, utilizando como base para as discussões em sala, as fotografias da cidade, sendo fundamental para a identificação dos alunos, com a História da cidade.



Imagens 41 e 42 - Registros da última aula lecionada no terceiro módulo da RP em 13 de dezembro de 2021.

A última aula que ministramos<sup>35</sup>, onde abordamos os principais eventos culturais e religiosos que ocorreram e ocorrem na cidade, como o Carnaval de blocos de rua, o Maior São

<sup>32</sup> No dia 15 de novembro de 2021, configurou-se em um feriado, e a aula planejada foi realizada no dia 22 de novembro de 2021.

<sup>33</sup> No dia 29 de novembro de 2021.

<sup>34</sup> Ocorreu no dia 06 de dezembro de 2021.

<sup>35</sup> Ocorreu em 13 de dezembro de 2021.

João do Mundo, a Micarande, o Encontro para Nova Consciência, etc, e sua relação com a economia e cultura da cidade.

Disponibilizamos uma atividade avaliativa através da plataforma Google Forms, contendo questões com base nos conteúdos ministrados, para que junto às demais atividades realizadas ao longo do bimestre, finalizasse a composição das notas..

Escolhemos trabalhar com os alunos sobre História local, com o intuito de fazê-los refletirem sobre a própria cidade que moram, os lugares que comumente frequentam, de forma a despertar um sentimento de pertencimento e de envolvimento com a perspectiva histórica. Fazê-los pensar em seu lugar de cidadãos, em seus direitos e deveres, e na valorização da cultura e história de sua cidade. Buscamos trabalhar seguindo as orientações e propostas apresentadas por Bittencourt<sup>36</sup>, instigando os alunos a se questionarem sobre a história da cidade e os lugares de sociabilidades a partir das fotografias.

Realizamos a composição da nota do quarto bimestre dos alunos, baseadas na primeira atividade que realizaram, juntamente com a nota da avaliação e sua participação nas aulas. Percebemos que houve uma diminuição dos alunos que frequentavam as aulas no Google Meet, em comparação com o segundo bimestre, período do módulo anterior da RP (que já eram poucos, tendo em vista a quantidade total de alunos matriculados). Ainda assim, conseguimos realizar um trabalho proveitoso com aqueles que permaneceram frequentando, e estreitamos um laço fraterno com os alunos.

Após o fim do ano letivo, o balanço de alunos que não frequentaram as aulas e não realizaram atividades foi bastante significativo, mas assim como no ano letivo de 2020, em 2021, seguindo a orientação do Conselho Nacional de Educação (CNE), o Governo do Estado

---

<sup>36</sup> O trabalho durante este módulo, foi pautado nos caminhos apresentados por Bittencourt (2008), para a utilização de imagens no ensino de História. Em seu estudo, ela apresenta como o uso de imagens, como a fotografia ou audiovisuais ganha importância no estudo historiográfico, e como nós, professores de História, podemos utilizá-los de forma didático pedagógica em sala de aula, desde que utilizados com a análise metodológica correta, para que realmente promovam o aprendizado e a reflexão crítica nos alunos, e não sejam meras ilustrações do conteúdo das aulas.

Como propostas pedagógicas para o uso de imagens, ela indica que duas perguntas devem ser feitas pelo professor de História, sendo: Como selecionar as imagens para um trabalho na sala de aula? E como realizar a “leitura” das imagens com os alunos?

É necessário que sejam selecionadas imagens fortes, e que estejam ligadas ao tema de estudo. Na leitura das imagens, lembra que o método de análise deve ser seguido, onde devemos incitar o aluno a tecer primeiramente suas próprias observações e indagações, para que então possamos relacioná-las ao conteúdo, fazendo a análise interna das imagens e externa. Devemos refletir sobre o que a foto apresenta, mas também quem está por trás da foto. Quem a produziu? Com que intuito? Em que contexto? E lembrar que a fotografia é uma representação do real, mas não a realidade. Assim também devem ser pensadas as produções audiovisuais.

decretou que todos os alunos, independentemente de sua participação, deveriam serem aprovados.

Minha experiência no Programa Residência Pedagógica foi de uma importância muito grande em minha formação docente, me fez estar de frente ao maior desafio que tinha em mente enquanto estudante de licenciatura, que seria “a sala de aula”, o pensar a aula para meus alunos. Além disso, ocorreu em uma circunstância ainda mais desafiadora, a pandemia de covid-19, lidando com o isolamento, com uma criança pequena, e a necessidade do ensino remoto tanto para assistir aulas como para lecionar, em um momento que não estávamos preparados para nada do que aconteceu.

Pude sentir a angústia que todos aqueles dedicados verdadeiramente à educação no Brasil sentiram, me desdobrei para encontrar dentro de mim uma professora que fosse criativa e estimulante nas temáticas com meus alunos, num momento em que mal sabia como manusear as ferramentas digitais. Estava ciente de como após a pandemia haveria uma grande deficiência na aprendizagem desses alunos, e me esforcei ao máximo para promover educação e diminuir os danos. Eu consegui me enxergar enquanto historiadora e professora, realmente, a partir desta experiência.

Senti falta nessa experiência da troca de calor humano, tão importante a meu ver para o ambiente de aprendizagem e camaradagem, para as trocas entre docente e discentes que livro algum pode proporcionar. Gostaria de dar aquele abraço e tomar um café com bolo, com cada aluno que nessa experiência, me passou e tocou, mas não foi possível. Ao mesmo tempo, aprendemos muito também com a distância, sobre nós, sobre a sociedade, sobre o olhar o outro, sobre o amor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste relato, nesta escrita de mim, rememorei minha trajetória até, outras “eu”, que me trouxeram a quem sou hoje. Rememorei os acontecimentos na história do país, que mesclam-se à minha história enquanto sujeita de ação na sociedade.

Observando minha própria história pude me enxergar enquanto fruto das políticas públicas implantadas no Brasil após a constituição de 1988, principalmente dos governos do PT, a partir de 2003. Sou fruto do IFPB, do “Bolsa Família”, da lei de cotas, do “Minha Casa Minha Vida”, dos Programas de iniciação à docência como o “Residência Pedagógica”. Se assim não fosse, não estaria escrevendo hoje este relato.

Durante esta escrita resgatei lembranças que estavam dentro de mim adormecidas, pude sentir emoções muito duras e ao mesmo tempo muito felizes. Eu encontrei dentro de mim, outras “eus” que já não existem mais, mas que deixaram um pouco delas em quem sou hoje. Dar a luz a este relato me fez, muitas vezes, chorar enquanto escrevia, sentir saudades, sorrir, refletir. Parece que após colocar no papel tudo que vivenciei durante minha formação, em minha vida, na minha construção enquanto pessoa, eu consegui trabalhar dentro de mim todo sentimento de culpa, de dor, de angústias que vivenciei, ao mesmo tempo que pude encontrar sentimentos de orgulho, de felicidade. A cada lembrança, muitas vezes de um simples gesto de alguém, de uma conversa, de um olhar, encontrei dentro de mim emoções que eu nem sabia que estavam mais lá.

Pude reconhecer em mim a professora que já me tornei, a historiadora que já sou, e que até então não acreditava em sua força, em sua capacidade.

E como a escrita de si, é também uma performance, uma narrativa de mim, a partir de quem sou hoje, escolhi dentre tantas memórias e experiências, essas, para aqui relatar. Essa escolha não foi à toa, escolhi dar foco ao “ser mãe na UFCG” no intuito de que possamos pensar em como a instituição precisa avançar em políticas mais igualitárias dentro dos campus, mais especificamente, em como ainda falta caminhar no sentido do suporte a mulheres que são mães e que precisam levar suas crianças para o espaço universitário.

Pensar nessas questões para que outras mães ao adentrem a UFCG, ao curso de História, e necessitem de um olhar mais humanizado, a agilidade em trâmites burocráticos ou para que haja um simples espaço para a troca de fraldas de uma criança, por exemplo, sejam ações não só possíveis mas obrigatórias.

Além disso, escolhi construir meu relato, também, no intuito de mostrar que a mulher que é mãe na universidade, não é apenas mãe, ou não é “menos capaz” devido sua carga rotineira, como eu mesma cheguei a pensar e internalizar. A mulher que é mãe, e trabalhadora pode ser sim o que ela quiser, e se constituir como uma excelente profissional. Em meu caso, me construir enquanto historiadora e professora é possível. Mas também, não romantizamos a tripla jornada feminina em nossa sociedade.

Nós, mulheres, mães, esposas, trabalhadoras, periféricas podemos sim, somos mais do que capazes sim, de nos tornarmos a profissional que sempre almejamos, mas não há nada de “normal” ou “bonito” em nos sacrificarmos, adoecermos muitas vezes, para alcançarmos a conquista de uma graduação. È dever da sociedade, e mais especificamente no caso relatado, da UFCG pensar o seu espaço como verdadeiramente igualitário e democrático, implantando melhorias básicas que já iriam possibilitar o mínimo de incentivo para que mulheres na mesma situação da qual eu vivi, possam concluir sua graduação com menos desafios e mais possibilidades em sua trajetória.

A escrita de si segundo Foucault, acredito que seja isso. Esse reencontrar-se, esse ruminar sobre mim, sobre quem sou hoje, a partir de quem eu fui, a partir de todas as durezas e belezas que enfrentei durante minha formação, e depois de sentir tudo novamente e refletir, do lugar em que me encontro hoje, sobre mim, foi um processo fundamental para olhar a sociedade de uma forma mais ética (no sentido foucaultiano), para encarar as lutas que virão enquanto mulher, mãe, e agora professora de História, da forma lúcida, crítica, consciente e ativa que persigo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. Arquivando a própria vida. In. **Arquivos pessoais** - Revista Estudos históricos, 1998, p. 9-34. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>> Acesso em abril de 2023.

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e Universidade: Longa e difícil luta contra a invisibilidade**. Bahia: FECLESC / UECE, Ministério Público do Estado da Bahia - MP BA, 2010. Disponível em: <<http://dspace.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/806>> Acesso mar 2023.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2º Ed – São Paulo: Cortez, 2008.

BONDÍA, Jorge L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002. p. 20-28. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20experi%C3%Aancia%20%C3%A9%20o%20que,para%20que%20nada%20nos%20aconte%C3%A7a.>>> Acesso em abril de 2023.

COSTA, Juliana de O. **Maternidade nos cursos de licenciaturas da UFCG CES e os desafios para permanência das alunas no estudo**. Cuité-PB, 2019. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/12405#:~:text=para%20este%20item%3A-,http%3A//dspace.sti.ufcg.edu.br%3A8080/jspui/handle/riufcg/12405,-T%C3%ADtulo%3A%C2%A0>> Acesso em: abril 2023.

DALTRO, Monica R. FARIA, Anna A, de. **Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade**. Estudos e Pesquisas em Psicologia: Rio de Janeiro, ISSN 1808-4281, v. 19, n. 1 p. 223-237 Janeiro a Abril de 2019.

DARIO, Andreza dos S. O. **Universidade e maternidade: A experiência de mulheres que se tornaram mães na graduação**. Sumé-PB, 2023. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/29158#:~:text=para%20este%20item%3A-,http%3A//dspace.sti.ufcg.edu.br%3A8080/jspui/handle/riufcg/29158,-T%C3%ADtulo%3A%C2%A0>> Acesso em: Abril 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Pos: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, novembro 2012, p. 204-219. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/download/15454/12311/42901>> Acesso em abril 2023.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In. **Ditos e Escritos. Ética, sexualidade, política**. Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALVÃO, Bruno A. **A ética em Michel Foucault: Do cuidado de si a estética da existência**. Porto Alegre: Intuitio, ISSN 1983-4012, Vol. 7, n.1, junho, 2014, p. 157-168.

GUEDES, Moema de Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tPvR4dWz5GzGCgn4c6GCZHp/abstract/?lang=pt>> Acesso mar 2023.

KLINGER, Diana. A escrita de si – o retorno do autor. In: KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 15-60. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-108006/escritas-de-si-escritas-do-outro--autoficcao-e-etnografia-na-narrativa-latino-americana-contemporanea>> Acesso mar 2023.

LAZARIN, Denize H. LONDERO, Rodolfo R. **A escrita de si: contornos da autobiografia e autoficção em O corpo em que nasci, de Guadalupe Nettel**. Vitória: Contexto ISSN 2358-9566, n. 33, Janeiro 2018.

MOREIRA, Maria E. R. SILVA, Sheila dos S. **Escritas de si e espaço biográfico** - Revisão teórico-crítica. MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717, v. 07 n 2, (julho-dezembro de 2016).

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2007.

REGIMENTO INTERNO ATUALIZADO PARA 2020 da **Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand**. Secretária de Estado da Educação. Coordenação de Gestão Escolar. Campina Grande, 2020. Disponível em: &lt; [https://16569f92-5baa-4286-8bbd-92b4ee0e271a.filesusr.com/ugd/75a4c4\\_5748cddb2737411d91b2b4a28e087d3f.pdf?index=true](https://16569f92-5baa-4286-8bbd-92b4ee0e271a.filesusr.com/ugd/75a4c4_5748cddb2737411d91b2b4a28e087d3f.pdf?index=true)&gt; Acesso em: 24/10/2020.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO 2020. **Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand**. Campina Grande, 2020. Disponível em: &lt; [https://16569f92-5baa-4286-8bbd-92b4ee0e271a.filesusr.com/ugd/75a4c4\\_b31acc825c4943f7a88e023eda35b2fc.pdf?index=true](https://16569f92-5baa-4286-8bbd-92b4ee0e271a.filesusr.com/ugd/75a4c4_b31acc825c4943f7a88e023eda35b2fc.pdf?index=true)&gt; Acesso em: 24/10/2020.

SILVA, Wilton C. L. **Para além da ego-história memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica**. São Paulo, Unesp: Patrimônio e Memória, ISSN 1808-1967, v. 11, n. 1, p. 71-95, janeiro-junho, 2015.

SILVEIRA, Pamela. **Ser mulher, mãe e universitária: Narrativas de estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, Junho de 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199709>> Acesso mar 2023.

## **7. ANEXOS**

**Processo n. 23096.001253/18-43:**

SERI

Aluna informada por e-mail.

Prof. Silvana Felou de  
Prof. João Marcos e Luciene

Proc. APENSO

036245/18-98

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCC  
 PROCESSO No.....: 23096.001253/18-43  
 DATA/HORA(ABERTO): 29/01/2018 (Segunda-Feira) 18:24:50 hs  
 REQUERENTE.....: 116230145 - SHAYENNE SANTOS SOUSA MASCIMENTO  
 INTERESSADO.....: 116230145 - SHAYENNE SANTOS SOUSA MASCIMENTO  
 ASSUNTO.....: 12551000 - Exercício domiciliar: Aluna gestante  
 RESUMO.....: REGIME DE EXERCÍCIOS DOMICILIARES, GESTANTE  
 DESTINO.....: 1410602000 - COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
 GUARDA.....: Enquanto o aluno mantiver o vínculo com a instituição de ensino/2 anos DESTINO :

| TRAMITAÇÃO |                                       | TRAMITAÇÃO |         | TRAMITAÇÃO |         |
|------------|---------------------------------------|------------|---------|------------|---------|
| DATA       | DESTINO                               | DATA       | DESTINO | DATA       | DESTINO |
| 29/05/2018 | CGHIS/CH                              | 08/08/18   | CGH/CH  |            |         |
| 30/01/2018 | UAHIS                                 |            |         |            |         |
| 02/02/2018 | Posto Coordenação<br>Estudantil - PRE |            |         |            |         |
| 07/02/2018 | CH/CGH                                |            |         |            |         |
| 07/02/2018 | UAHIS/CH/UFCC                         |            |         |            |         |
| 06/02/2018 | Coordenação<br>da UAHIS               |            |         |            |         |
| 13/05/2018 | AM História P                         |            |         |            |         |
| 08/06/2018 | PRE                                   |            |         |            |         |
| 21/06/18   | ASAS P                                |            |         |            |         |
| 30/07/18   | APRE                                  |            |         |            |         |

OBSERVAÇÕES:



Universidade Federal de Campina Grande

Pró-Reitoria de Ensino

Requerimento: **Regime de exercícios domiciliares**  
Resumo: **Solicitação de regime de exercícios domiciliares por estado de gravidez.**

Ilmo. Coordenador do curso **13309210 - CH - HISTÓRIA (LIC) - N.**

Eu, **Shayenne Santos**, matrícula **116230145**, CPF **70113387482**, aluno do curso **13309210 - CH - HISTÓRIA (LIC) - N**, campus Campina Grande, com endereço residencial **Rua Sousa, 270 - Malvinas - Campina Grande - PB - 58433-103**, telefone para contato **(83)986128414**, email **Shay1peg@gmail.com**, venho, mui respeitosamente, solicitar regime de exercícios domiciliares.

Faço a seguinte exposição de motivos.

Solicito por meio deste a realização de exercícios domiciliares por motivo de gestação já ao 9º mês, e necessitar o afastamento da instituição devido a ocorrência de parto no período de volta as aulas do seguinte ano letivo.

Nestes Termos,  
Pede Deferimento.

Rayssa Gomes Lima Nascimento  
Assinatura do Requerente/Procurador



Formulário gerado em 18/01/2018 09:22

#### Instruções

- Preencher o campo observação com mensagem curta que auxilie a identificar o processo.
- Preencher a Justificativa no campo apropriado, indicando claramente qual é o código e o nome do componente curricular e a turma.
- Verificar atentamente a tela resumo.
- Imprimir o Formulário.
- Dar entrada no processo no setor de Protocolo do campus mais próximo.
- Acompanhar o processo em <http://pre.ufcg.edu.br/pre/servicos-da-pro-reitoria-de-ensino>.

#### Setores responsáveis

- Coordenação de Curso
- Orientador
- Coordenação de Controle Acadêmico
- Pró-Reitoria de Ensino



Paciente: SHAYENNE SANTOS SOLISA NASCIMENTO

Idade: 20 anos

Data: 19.01.2018

Requisitante: \*\*



D.U.M.: \*\*

ULTRASSONOGRAFIA OBSTÉTRICA

IG CRONOLÓGICA: \*\*

**SITUAÇÃO, APRESENTAÇÃO e POSIÇÃO.**  
Longitudinal, cefálico e dorso à esquerda.

**PLACENTA**

**LOCALIZAÇÃO:** Fúndica de inserção alta

**MATURIDADE:** grau II de Grannum

**LÍQUIDO AMNIÓTICO**

**QUANTIDADE:** normal (ILA = 18,1)

**GRUMOS:** sem grumos em suspensão.

**BIOMETRIA FETAL ELEMENTAR**

(Exame obstétrico Nível I ou rotineiro)

**BPD:** 8,7 cm

**FL:** 7,4 cm

**CC:** 33,1 cm

**CA:** 30,9 cm

**CRÂNIO:** normal

**COLUNA:** normal

**ABDOME:** normal

**BEXIGA:** cheia

**TÓRAX:** normal

**CORAÇÃO:** imagem das 04 câmaras

**ÓRBITAS:** simétricas

**RINS:** tópicos sem dilatações

**CORDÃO:** 03 vasos sem circular cervical (avaliação sujeita a modificação com os movimentos fetais).

**AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR FETAL**

**MOV. CORPORAIS:** presentes

**TÔNUS:** normal

**BFC:** 138 bpm.

**CONCLUSÕES:**

- GESTAÇÃO TÓPICA, FETO ÚNICO E VIVO.
- BIOMETRIA FETAL COMPATÍVEL COM 36 semanas e 05 dias (+/- 2,0 semanas).
- PESO FETAL ESTIMADO EM 2852 g (+/- 10% HADLOCK)
- DATA PROVÁVEL PELA ULTRASSONOGRAFIA PARA 11/02/2018.
- CRESCIMENTO FETAL ADEQUADO PARA IDADE GESTACIONAL.

**Dr. João Paulo Ribeiro Coutinho Honório**

Ultrasomografista

CRM/PR 7790

**RESERVAÇÃO**

A sensibilidade deste método na detecção de anormalias fetais varia de 80% a 90%. Tanto anomalias estruturais (mal formações fetais), quanto genéticas (por exemplo Síndrome de Down), podem não ser diagnosticadas nesta avaliação. Portanto, um resultado normal não assegura a completa normalidade fetal.  
A sensibilidade deste exame pode ser inferior à referida em gestações múltiplas e quando o tecido celular subcutâneo materno for desfavorável.

Av. Floriano Peixoto, 151 - Centro - Campina Grande - FONE (83) 3099-140

11/2018



Horário individual

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
COORDENAÇÃO DE CONTROLE ACADÊMICO  
HORÁRIO INDIVIDUAL  
PERÍODO LETIVO 2017.2

FL. (S). Nº 05

Jno: 116230145 SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO  
Curso: HISTÓRIA (LIC) - N

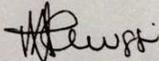
Currículo: 1986

Emissão: 30/01/2018 12:02:49

Turno: NOTURNO

| Quantidade | Disciplina                            | CR | CH | Horários e salas                               |
|------------|---------------------------------------|----|----|--|
| 1          | 1306036 - CIVILIZAÇÃO IBÉRICA         | 4  | 60 | 2 18:30-20:20 (BZ203)<br>4 20:20-22:10 (BZ203) |
| 1          | 1306027 - HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL    | 4  | 60 | 2 20:20-22:10 (BD201)<br>5 18:30-20:20 (BD201) |
| 1          | 1306005 - HISTÓRIA MEDIEVAL OCIDENTAL | 4  | 60 | 3 18:30-20:20 (BG004)<br>5 20:20-22:10 (BG004) |
| 1          | 1306006 - HISTÓRIA MODERNA ORIENTAL   | 4  | 60 | 3 20:20-22:10 (BZ203)<br>6 18:30-20:20 (BZ203) |

HORÁRIO EMITIDO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA. NÃO VALE COMO DOCUMENTO OFICIAL.

  
Andrea Maria Terruggi  
ASSIST EM ADMINISTRAÇÃO-UFMG  
Mat. SIAPE 2367138



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

FL(S). Nº 06  
*[Handwritten signature]*

2018  
*[Handwritten initials]*

Processo Nº **23096.001253/18-43**

---

DE ORDEM,

À Unidade Acadêmica de História, para conhecimento e providências que tenha como necessárias.

Campina Grande, 30 de janeiro de 2018.

Ândrea Maria Terruggi

Assistente em Administração

FL(S). N° 07  

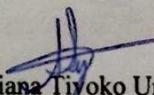

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

Processo N° 23096.001253/18-43

---

Ao Posto Médico Odontológico Estudantil para conhecimento e providências que tiver como necessárias.

Campina Grande/PB, 02 de fevereiro de 2018.



Adriana Tiyoko Ura  
Auxiliar em Administração  
Matrícula Siape: 2161099  
Unidade Acadêmica de História

FL(S). Nº 08



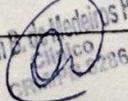
NOME: \_\_\_\_\_ (CNS) Prontuário \_\_\_\_\_  
 Rua: \_\_\_\_\_

Lando Médico

Declaro para os devidos fins que a aluna  
 Shayenne Santos Sousa Nascimento,  
 Matrícula 116230145, foi avaliada por  
 nosso Serviço conforme solicitado pelo  
 Processo nº 23096.001253/18-43. A aluna  
 é gestante, no momento com IG 41 2d  
 (rela USG) e necessita de atendimento  
 domiciliar pelo período de 120 (cento  
 e vinte) dias a contar da presente data,  
 que corresponde ao período de licença ma-  
 ternidade.

DATA

07/02/18

Osman  Medeiros Filho  
 Médico  
 2018

RECEITUÁRIO



Fl. (S). N° 09

12/01/2018  

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

Processo N° 23096.001253/18-43

DE ORDEM,

À Coordenação Administrativa da UAHis, para conhecimento e providências.

Campina Grande, 07 de fevereiro de 2018.

Jequielbe Rodrigues Alexandrino  
Assistente em Administração  
Matricula SIAPE: 1825235  
Coordenação do Curso de Graduação em História  
Unidade Acadêmica de História  
Centro de Humanidade / UFCC

FL(S). N° 10



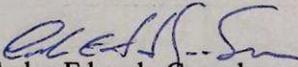
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

Processo N° 23096.001253/18-43

Requerente: Shayene Santos Sousa Nascimento

À Professora Dr.<sup>a</sup> Juciene Ricarte Cardoso, para conhecimento e providências que tiver como necessárias.

Campina Grande, 07 de fevereiro de 2018.

  
Carlos Eduardo Gonsalves e Silva  
Assistente em Administração  
Matrícula siape: 2408697  
Unidade Acadêmica de História

Deferido e  
Ciente  
Jucenir K. Apolun  
29/02/2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

FL(S). N° 01

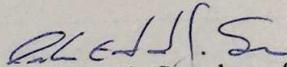
27/02/2018

Processo N° 23096.001253/18-43

Requerente: Shayene Santos Sousa Nascimento

À Professora Dr.<sup>a</sup> Maria Liége Freitas Ferreira, para conhecimento e providências que tiver como necessárias.

Campina Grande, 07 de fevereiro de 2018.

  
Carlos Eduardo Gonsalves e Silva  
Assistente em Administração  
Matrícula siape: 2408697  
Unidade Acadêmica de História

A Coordenação da Unidade de Ensino de História,  
comunique-se a aluna interessada neste processo de  
ciência maternidade as seguintes realizações das atividades  
listadas referentes às três evoluções da disciplina História  
Econômica Geral; Período 2017.2, ministrada pela prof.  
m.<sup>a</sup> Liége Freitas.

- ① Realize uma análise reacionária do texto: "A Transição do Feudalismo para o capitalismo"; autor: Pierre Vidal (facilmente identificado na internet)
- ② Análise do texto "Para além de Buisson-Faivre: notas para a história da teoria econômica do período"

entre-guerras; do autor Fernando Ruzitsky  
(facilmente encontrado na internet)

③ Assista ao documentário "A servidão Moderna"  
e realize uma análise de posicionamento sobre  
os males da servidão voluntária que a Globali-  
zação nos causa.

Os três trabalhos deverão serem entregues à  
profª Biége na UFCF até o dia 16 de Março,  
última data de recebimento das Anúncios.  
Não receberei trabalho via internet; devem, todos  
serem digitados e na observância das Normas  
da Associação Brasileira de Normas e Técnicas.

Campina Grande, 06 de Fevereiro de 2018  
Profª Maria Biége Freitas Ferreira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

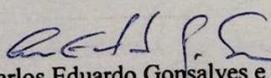
FL(S). Nº 12

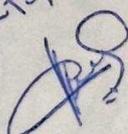
Processo Nº **23096.001253/18-43**

Requerente: Shayene Santos Sousa Nascimento

À Professora Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima, para conhecimento e providências que tiver como necessárias.

Campina Grande, 07 de fevereiro de 2018.

  
Carlos Eduardo Gonsalves e Silva  
Assistente em Administração  
Matrícula siape: 2408697  
Unidade Acadêmica de História

CIENTES, 16/02/2018  




UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

Fl. (S). Nº 13

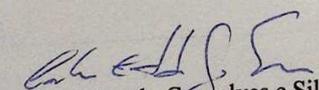
2018

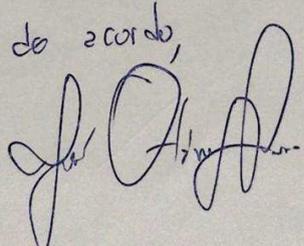
Processo Nº **23096.001253/18-43**

Requerente: Shayene Santos Sousa Nascimento

Ao Professor Dr. José Otávio Aguiar, para conhecimento e providências que tiver como necessárias.

Campina Grande, 07 de fevereiro de 2018.

  
Carlos Eduardo Gonsalves e Silva  
Assistente em Administração  
Matrícula siape: 2408697  
Unidade Acadêmica de História

Ciente e de acordo,  




UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

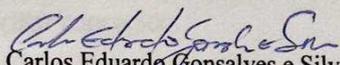
FL(S). N° 14

Processo N° 23096.001253/18-43

Requerente: Shayenne Santos Sousa Nascimento

À Coordenação de Graduação em História, para conhecimento e providências que tiver como necessárias.

Campina Grande, 26 de fevereiro de 2018.

  
Carlos Eduardo Gonsalves e Silva  
Assistente em Administração  
Matrícula SIAPE: 2408697  
Unidade Acadêmica de História

26/02/2018

Zimbra

Zimbra

historia.ch@ufcg.edu.br

**Coordenação do Curso de História - Informa**

**De :** historia ch <historia.ch@ufcg.edu.br>  
**Assunto :** Coordenação do Curso de História - Informa  
**Para :** shay1peg@gmail.com

Seg, 26 de fev de 2018 09:41

1 anexo

À senhora Shayenne Santos Sousa Nascimento,  
De Ordem da Coordenação,

1) Informamos à Vossa Senhoria que os professores responsáveis pela disciplinas seguintes, encontram-se cientes de seu requerimento constante no processo de número 23096.001253/18-43, referente ao regime de exercícios domiciliares.

1306036 Civilização Ibérica (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juciene Ricarte Apolinário - jucieneufcg@gmail.com)  
1306027 História Econômica Geral (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Liege Freitas Ferreira)  
1306005 História Medieval Ocidental (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima - iramlima@ig.com.br)  
1306006 História Moderna Oriental (Prof. Dr. José Otávio Aguiar - junior\_ufcg@yahoo.com)

2) **em anexo**, enviamos ainda à Vossa Senhoria o planejamento elaborado pela Professora Dra. Maria Liege Freitas Ferreira quanto à disciplina História Econômica Geral.

Solicitamos, por gentileza, **a confirmação do recebimento do presente e-mail** como forma de cientificação formal do comunicado, considerando a impossibilidade de presença física devido ao exercício domiciliar concedido.

Atenciosamente,

Coordenação do Curso de História - CH/UFCG.

Campina Grande, 26 de fevereiro de 2018.

**Atividades Liége.pdf**  
712 KB

130603/2018  
Zimbra

Zimbra

historia.ch@ufcg.edu.br  
FL. (S). Nº 10

**Re: Coordenação do Curso de História - Informa**

**De :** Shayenne Santos <shay1peg@gmail.com>  
**Assunto :** Re: Coordenação do Curso de História - Informa  
**Para :** historia ch <historia.ch@ufcg.edu.br>

Qua, 28 de fev de 2018 16:16

As imagens externas não são exibidas. [Exibir as imagens abaixo](#)

Boa Tarde, venho por meio deste confirmar o recebimento do e-mail, dando ciência formal ao comunicado. Agradeço!

Atenciosamente,  
Shayenne Santos Sousa Nascimento.

Livre de vírus. [www.avast.com](http://www.avast.com).

Em 26 de fevereiro de 2018 09:41, <historia.ch@ufcg.edu.br> escreveu:  
A senhora Shayenne Santos Sousa Nascimento,

De Ordem da Coordenação,

1) Informamos à Vossa Senhoria que os professores responsáveis pela disciplinas seguintes, encontram-se cientes de seu requerimento constante no processo de número 23096.001253/18-43, referente ao regime de exercícios domiciliares.

1306036 Civilização Ibérica (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juciene Ricarte Apolinário - [jucieneufcg@gmail.com](mailto:jucieneufcg@gmail.com))  
1306027 História Econômica Geral (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Liege Freitas Ferreira)  
1306005 História Medieval Ocidental (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima - [iramlima@ig.com.br](mailto:iramlima@ig.com.br))  
1306006 História Moderna Oriental (Prof. Dr. José Otávio Aguiar - [junior\\_ufcg@yahoo.com](mailto:junior_ufcg@yahoo.com))

2) **em anexo**, enviamos ainda à Vossa Senhoria o planejamento elaborado pela Professora Dra. Maria Liege Freitas Ferreira quanto à disciplina História Econômica Geral.

Solicitamos, por gentileza, a **confirmação do recebimento do presente e-mail** como forma de cientificação formal do comunicado, considerando a impossibilidade de presença física devido ao exercício domiciliar concedido.

Atenciosamente,

Coordenação do Curso de História - CH/UF CG.

[https://mail.ufcg.edu.br/zimbra/h/printmessage?id=C:49701&tz=America/Argentina/Buenos\\_Aires](https://mail.ufcg.edu.br/zimbra/h/printmessage?id=C:49701&tz=America/Argentina/Buenos_Aires)

1/2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
COORDENAÇÃO GERAL DE GRADUAÇÃO



PROCESSO Nº : 23096.001253/18-43

INTERESSADO: Shayenne Santos Sousa Nascimento

ASSUNTO: Regime de Exercícios Domiciliares Gestante

PARECER Nº: 707/2018

Ao Pró -reitor

É o relato passamos ao parecer.

A Interessada, aluna do curso de **História campus** Campina Grande, solicitou inclusão em Regime Domiciliar (apenso processo 23093.016245/18-98). Anexou atestado médico que recomenda o afastamento por **cento e vinte dias**. A coordenação do curso encaminha o Processo à PRE para que sejam tomadas as providências devidas.

Nos termos do art. 85, I do Regulamento do Ensino de Graduação poderá requerer a inserção no regime de exercício do domiciliar a aluna em estado de gravidez, a partir do oitavo mês de gestação.

Conforme atestado médico, a Interessada necessita de afastamento para gozar de licença maternidade por 120 dias, entretanto, de acordo com a legislação educacional, somente é possível o afastamento por até 90 dias e deve ser executado dentro do período letivo.

Em processo apenso (23093.016245/18-98), a interessada solicita Regime Domiciliar para 2018.1. No entanto, tendo em vista a data do atestado (07/02/18) o regime domiciliar aplica-se exclusivamente ao período 2017.2 .

Isto posto, sugerimos o indeferimento do pedido da requerente.

É o nosso parecer.

Edjane E. das Silva  
Coordenadora Geral de  
Graduação - UFCG  
Mat. 1412697

Campina Grande, 11 de maio de 2018

De acordo em

15/5/18

Alarcon Aguiar do O  
1264323  
PRO-REITOR DE ENSINO

*Tendo em vista  
o presente parecer, tendo  
em conta a decisão  
proferida, uma vez que  
foi feita a licença maternidade por prazo*

*verso.*

mão inferior a 120 dias (CENTO E VINTE) dias,  
Conforme laudo médico atestado pelo Dou-  
tor OSMAN B. de MEDEIROS FILHO a folha n.º 08  
do processo n.º 23096.001 253/18-43.

Obs.: O referido laudo foi expedido median-  
te perícia médica.

16/05/18

Shayenne Santos Souza Nascimento.



## SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFPG  
 PROCESSO No.....: 23096.016245/18-98  
 DATA/HORA(ABERTO): 08/05/2018 (Terça-Feira) 18:55:26 hs  
 REQUERENTE.....: 116230145 - SRAYENNY SANTOS SOUSA NASCIMENTO  
 INTERESSADO.....: 116230145 - SRAYENNY SANTOS SOUSA NASCIMENTO  
 ASSUNTO.....: 12551000 - Exercício domiciliar: Aluna gestante  
 RESUMO.....: SOLICITAÇÃO. REGIME DE EXERCÍCIOS DOMICILIARES.  
 DESTINO.....: 1410602000 - COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
 GUARDA.....: Enquanto o aluno mantiver o vínculo com a instituição de ensino/2 anos DESTINO FINAL

*Al  
Câmara*

| TRAMITAÇÃO          |                         | TRAMITAÇÃO |         | TRAMITAÇÃO |         |
|---------------------|-------------------------|------------|---------|------------|---------|
| DATA                | DESTINO                 | DATA       | DESTINO | DATA       | DESTINO |
| 09/05/18            | CGH/CH                  |            |         |            |         |
| 09/05/18            | PRE-C66                 |            |         |            |         |
| 15/05/2018          | <i>CGH/CH</i>           |            |         |            |         |
| 08/06/2018          | PRE                     |            |         |            |         |
| 21/06/18            | <i>S. S. S. Busella</i> |            |         |            |         |
| 29/06/18            | <i>Revisão - SCS</i>    |            |         |            |         |
| 03/07/18            | <i>Revisão - SCS</i>    |            |         |            |         |
| 30/07/18            | A PRE                   |            |         |            |         |
| 08/08/18            | CGH/CH                  |            |         |            |         |
| <b>OBSERVAÇÕES:</b> |                         |            |         |            |         |
|                     |                         |            |         |            |         |
|                     |                         |            |         |            |         |
|                     |                         |            |         |            |         |
|                     |                         |            |         |            |         |

05/2018

Processos PRE



Universidade Federal de Campina Grande

Pró-Reitoria de Ensino

Requerimento: **Regime de exercícios domiciliares**  
Resumo: **Solicitação de regime de exercícios domiciliares por licença maternidade.**

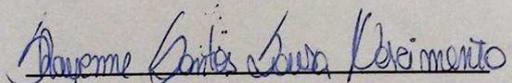
Ilmo. Coordenador do curso 13309210 - CH - HISTÓRIA (LIC) - N,

Eu, **Shayenne Santos**, matrícula 116230145, CPF 70113387482, aluno do curso 13309210 - CH - HISTÓRIA (LIC) - N, campus Campina Grande, com endereço residencial Rua Sousa-270-Malvinas-Campina Grande-58433-103, telefone para contato (83)986128414, email Shay1peg@gmail.com, venho, mui respeitosamente, solicitar regime de exercícios domiciliares.

Faço a seguinte exposição de motivos.

Solicito por meio deste regime de exercícios domiciliares, em continuidade ao processo de nº23096.001253/18-43, por motivo de licença maternidade, por estar amamentando e com criança de idade inferior a três meses.

Nestes Termos,  
Pede Deferimento.

  
Assinatura do Requerente/Procurador

Formulário gerado em 03/05/2018 19:01

**Instruções**

- Preencher o campo observação com mensagem curta que auxilie a identificar o processo.
- Preencher a Justificativa no campo apropriado, indicando claramente qual é o código e o nome do componente curricular e a turma.
- Verificar atentamente a tela resumo.

03/05/2018

Processos PRE

25  
de 2018  
21

- Imprimir o Formulário.
- Dar entrada no processo no setor de Protocolo do campus mais próximo.
- Acompanhar o processo em <http://pre.ufcg.edu.br/pre/servicos-da-pro-reitoria-de-ensino>.

**Setores responsáveis**

- Coordenação de Curso
- Orientador
- Coordenação de Controle Acadêmico
- Pró-Reitoria de Ensino

EM BRANCO

PROT. GERAL  
Fis. 03  
408

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCC**

PROCESSO No.....: 23096.001253/18-43

DATA/HORA(ABERTO): 29/01/2018 (Segunda-Feira) 18:24:50 hs

REQUERENTE.....: 116230145 - SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO

INTERESSADO.....: 116230145 - SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO

ASSUNTO.....: 12551000 - Exercício domiciliar: Aluna gestante

RESUMO.....: REGIME DE EXERCÍCIOS DOMICILIARES. GESTANTE

DESTINO.....: 1410602000 - COORDENACAO DE GRADUACAO EM HISTORIA

GUARDA.....: Enquanto o aluno mantiver o vinculo com a instituicao de ensino/2 anos

DESTINO :

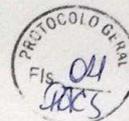
Data do pedido anterior: 29/01/2018

EM BRANCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
 PRÓ-REITORIA DE GESTÃO ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA  
 COORDENAÇÃO GERAL DE ADMINISTRAÇÃO  
 PROTOCOLO GERAL



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



# Certidão de Nascimento

NOME:  
**Isis Araujo Santos**

MATRÍCULA

**0686680155 2018 1 00211 157 0148230 81**

DATA DE NASCIMENTO(POR EXTENSO) dez de fevereiro de dois mil e dezoito DIA 10 MÊS 02 ANO 2018

HORA DE NASCIMENTO 11:50 MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO Campina Grande-PB

MUNICÍPIO DE REGISTRO/UF CAMPINA GRANDE-PB LOCAL DE NASCIMENTO CLIPSI - Hospital Geral - Campina Grande-PB SEXO feminino

FILIAÇÃO José Luiz de Araujo Segundo e Shayenne Santos Sousa Nascimento

AVOS Paterno(s): Izabel Alice de Araujo Materno(s): Francisco dos Santos Nascimento e Cleusy de Sousa Santos Nascimento.

GÊMEOS NÃO NOME E MATRÍCULA DO(S) GÊMEO(S) NÃO POSSUI

DATA DO REGISTRO (POR EXTENSO) vinte de fevereiro de dois mil e dezoito (20/02/2018). DNV (DEC. NASC. VIVO) 30758205025

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES  
Obs: Registro lavrado em 20/02/2018, no livro A-00211, N° 148230, folha 157. Inscrito (a) no CPF sob o n° 153.153.934-37, conforme Instrução Normativa RFB n° 1548/15.

NOME DO OFÍCIO  
1° Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais

OFICIAL REGISTRADOR  
Maria Alba Cavalcanti Oliveira

MUNICÍPIO/UF  
Campina Grande-PB

ENDEREÇO  
Avenida Marechal Floriano Peixoto nº813 Campina Grande-PB -  
CEP 58400165 Fone: (83)3321-4598 E-mail:  
cartorioc.grande@hotmail.com

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.  
Campina Grande-PB, 20 de Fevereiro de 2018

*Alexandro Carlos da Silva*  
Alexandro Carlos da Silva  
Escrevente Comproissado

Selo Digital: AGJ21238-HEDG  
Consulte a autenticidade em: <https://selodigital.tpb.jus.br>

Alexandro Carlos da Silva  
ESCREVENTE AUTORIZADO  
1° CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL  
CAMPINA GRANDE - PB

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL. QUALQUER ADULTERAÇÃO OU RASURA INVALIDA ESTE DOCUMENTO

Nº 625846 B

09/05/2018



Horário individual

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
COORDENAÇÃO DE CONTROLE ACADÊMICO  
HORÁRIO INDIVIDUAL  
PERÍODO LETIVO 2018.1

FL(S). N° 02

Matrícula: 116230145 SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO  
Curso: HISTÓRIA (LIC) - N

Currículo: 1986

Emissão: 09/05/2018 11:15:46

Turno: NOTURNO

| Turma | Disciplina                             | CR | CH | Horários e salas                               |
|-------|--|----|----|--|
| 01    | 1306011 - HISTÓRIA DO BRASIL I         | 4  | 60 | 3 20:20-22:10 (BZ204)<br>6 18:30-20:20 (BZ204) |
| 01    | 1306028 - HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL | 4  | 60 | 4 18:30-20:20 (BD302)<br>6 20:20-22:10 (BD302) |
| 01    | 1306007 - HISTÓRIA MODERNA OCIDENTAL   | 4  | 60 | 2 18:30-20:20 (BZ203)<br>4 20:20-22:10 (BZ203) |
| 01    | 1306019 - TEORIA DA HISTÓRIA           | 4  | 60 | 3 18:30-20:20 (BG107)<br>5 20:20-22:10 (BG107) |

HORÁRIO EMITIDO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA. NÃO VALE COMO DOCUMENTO OFICIAL.

*Andra*  
Andrea Maria Terruggi  
ASSIST EM ADMINISTRAÇÃO-UFMG  
Mat. SIAPE 2367138



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

FL(S). N° 06 3

Processo N° 23096.016245/18-98  
Da Coordenação do Curso de História  
À Coordenação Geral de Graduação

DE ORDEM,

Encaminhamos o presente processo para análise da solicitação da aluna e eventual parecer circunstanciado. Em apenso, processo anterior de número 23096.001253/18-43 referente à solicitação concedida de Regime de Exercícios Domiciliares durante o final período 2017.2.

Campina Grande, 09 de maio de 2018.

*Assi*  
Ândrea Maria Terruggi  
Assit. em Administração  
SIAPE: 2367138

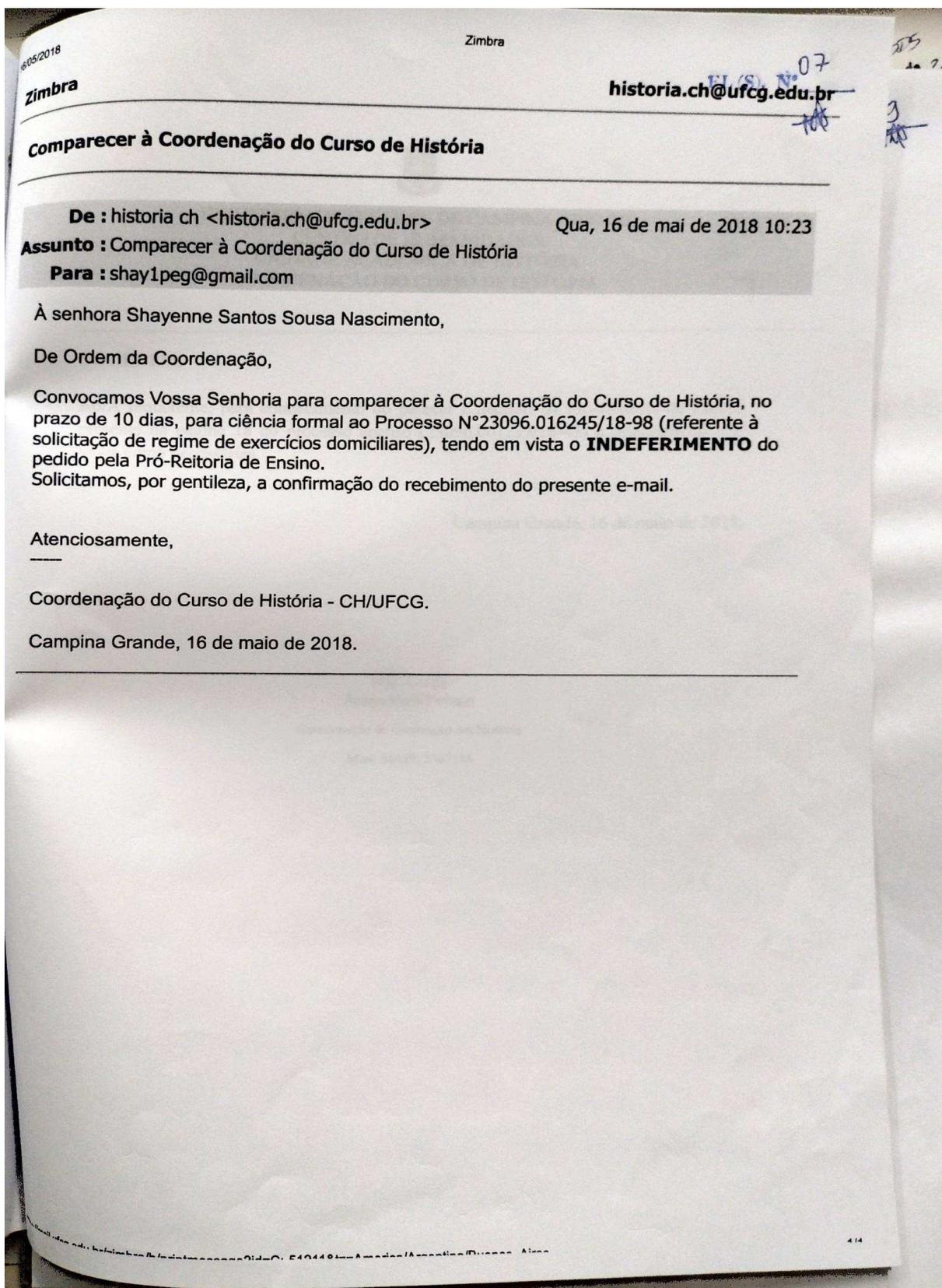
Tendo em vista o parecer de n° 707/2018, do processo de n° 23096.001253/18-43, tendo recebido da decisão proferida, uma vez que foi dada a licença maternidade por prazo não inferior a 120 (cento e vinte) dias, conforme laudo médico atestado pelo Doutor Osman B. Medeiros Filho a folha n° 08 do processo supra citado (n° 23096.001253/18-43). →

AMITACAO

Obs.: O referido laudo foi expedido  
mediante perícia médica.

16/05/18

Shayenne Santos Sousa Obseimento.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

DE ORDEM,

Ao/À requerente, para conhecimento do parecer e decisão da Pró-Reitoria de Ensino presente na página 18 do processo apenso (23096.001253/18-43) e providências que tenha como necessárias.

Campina Grande, 16 de maio de 2018.

Ândrea Maria Terruggi

Coordenação de Graduação em História

Matr. SIAPE 2367138



NOME: \_\_\_\_\_ (CNS) Prontuário \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_

Lauder Médica

Declaro para os devidos fins que a aluna Shayenne Santos Sousa Nascimento, Matrícula 116230445, acompanhada neste serviço, em licença maternidade desde o dia 07/02/18, próximo de completar os 120 dias. Suprimo prerrogativas desse período até 180 dias (6 meses) para aleitamento materno exclusivo, necessitando de regime especial de acompanhamento domiciliar.

DATA 06/06/18

Dr. Osman Batista de Medeiros Filho  
Clínico Médico - CRM 8286  
UFG/PRAC/UCG/DE SAÚDE  
Mat. SIAPE: 1006207-5

RECEITUÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

FL. (S). Nº 10  
15

**Processo Nº 23096.016245/18-98**  
**Da Coordenação do Curso de História**  
**Pró-Reitoria de Ensino**

DE ORDEM,

Encaminhamos o presente processo à PRE para envio à Câmara Superior de Ensino para análise do **pedido de recurso** solicitado pela aluna em 16/05/2018 (constante na página 06 e verso), acompanhado de **novo laudo médico** (página 09). Em apenso, processo anterior de número 23096.001253/18-43 referente à solicitação de Regime de Exercícios Domiciliares concedido durante o final do período 2017.2.

Campina Grande, 08 de junho de 2018.

Ândrea Maria Terruggi

Assit. em Administração

SIAPE: 2367138

E/PRE/UFCG

<https://pre.ufcg.edu.br/spre/tramit/encaminham...>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
Pró-Reitoria de Ensino  
Gabinete do Pró-Reitor de Ensino

**Processo:** 23096.016245/18-98

Campina Grande, 21/06/2018

**Interessado:** SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO**Assunto:** Exercício domiciliar: Aluna gestante**Resumo:** SOLICITACAO. REGIME DE EXERCICIOS DOMICILIARES.**Despacho:** 25/2018/GPRE/PRE/UFCG

Para designação de relator e posterior análise e deliberação no plenário da Câmara Superior de Ensino.

Alarcon Agra do Ó  
Pró-Reitor de Ensino



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
SECRETARIA DOS ÓRGÃOS DELIBERATIVOS SUPERIORES  
CÂMARA SUPERIOR DE ENSINO**



**ENCAMINHAMENTO**

**PROCESSO Nº 23096.016245/18-98, apenso Nº 23096.001253/18-43**

**INTERESSADA:** Shayenne Santos Sousa Nascimento, aluna do Curso de História, do CH

**ASSUNTO:** Regime Domiciliar

À Conselheira Priscilla Maria de Castro Silva, para análise e parecer.

Campina Grande, 29 de junho de 2018.

  
**TÚLIO HENRIQUES COSTA  
SECRETÁRIO DA SODS  
MATRÍCULA Nº 3048540**

**UFCG – SODS – SECRETARIA DOS ÓRGÃOS DELIBERATIVOS SUPERIORES**  
Rua: Arrigio Veloso, 882 – Bodocongo, CEP. 58 429-140.  
Telefones: (83) 2101-1105 e (83) 2101-1710 – Fax (83) 2101-1103  
e-mail: sods@reitoria.ufcg.edu.br  
Campina Grande, PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM  
Av. Juvêncio Arruda 795 – Bodocongó Campina Grande-PB CEP 58109-790  
TELEFONE: (83) 2101 - 1684



|  |
|--|
| <b>ASSUNTO:</b> SOLICITAÇÃO DE PRORROGAÇÃO DE PRAZO PARA REGIME DE EXERCÍCIOS DOMICILIARES |
| <b>PROCESSO:</b> Nº 23096.016245/18-98   |
| <b>INTERESSADA:</b> SHAYENNE SANTOS SOUSA NASCIMENTO                                       |
| <b>RELATORA:</b> PRISCILLA MARIA DE CASTRO SILVA   |

### HISTÓRICO

A interessada discente do curso de História, Shayenne Santos Sousa Nascimento, deu entrada no processo supramencionado em que solicita prorrogação de prazo para permanência de regime domiciliar. Ela anexou atestado médico, em processo apenso, que recomendava inicialmente o seu afastamento por 120 dias. A coordenação do curso, por sua vez, encaminhou o processo apenso para PRE para emissão de parecer, que culminou no indeferimento, sustentado no art. 85 do Regulamento de Ensino da Graduação que afirma ser possível afastamento de 90 dias, que deverão ser executados dentro do período letivo.

Ainda no processo apenso, a interessada solicitou Regime domiciliar para 2018.1, contudo e tendo em vista a data do primeiro atestado que foi 07 de fevereiro de 2018, o regime domiciliar ficou restrito ao período de 2017.2, fato este justificado pelo indeferimento da PRE.

No novo processo impetrado pela discente no dia 08 de maio de 2018, ela anexou novo atestado, datado do dia 06 de Junho de 2018, para ser analisado como recurso junto à Câmara Superior de Ensino.

### PARECER

Analisando os autos do processo e considerando novo laudo médico emitido por médico perito da UFCG, Dr. Osman Batista de Medeiros Filho, em que sugere prorrogação do período de 120 dias para 180 dias (6meses) em regime especial de acompanhamento domiciliar, é possível que os 90 dias orientados pelo art. 85 do Regulamento de Ensino da Graduação agora sejam atendidos, sendo assim, sou de parecer favorável que a aluna permaneça pelo restante do período de 2018.1 em Regime de Exercício Domiciliar, salvo melhor juízo desse conselho.

Campina Grande, 27 de julho de 2018.

*Priscilla Maria de Castro Silva*

Professora Priscilla Maria de Castro Silva  
Relatora e Conselheira da Câmara Superior de Ensino  
Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem/UAENF/CCBS  
SIAPE 1838351

Profª. Priscilla Maria de Castro Silva  
Coord. do Curso de Enfermagem  
UAENF/CCBS/UFCG  
SIAPE: 1838351



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
SECRETARIA DOS ÓRGÃOS DELIBERATIVOS SUPERIORES  
CONSELHO UNIVERSITÁRIO  
CÂMARA SUPERIOR DE ENSINO



## C E R T I D ã O

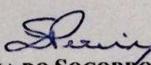
**PROCESSO Nº 23096.016245/18-98, apenso Nº 23096.001253/18-43**

**INTERESSADA:** Shayenne Santos Sousa Nascimento, aluna do Curso de História, do CH

**ASSUNTO:** Regime Domiciliar

Certificamos, para os devidos fins, que, na 143ª Reunião Ordinária da Câmara Superior de Ensino, realizada no dia 27 de julho de 2018, o plenário **aprovou** por maioria de votos, com dezoito (18) votos favoráveis, um (01) contrário e três (03) abstenções, o parecer da relatora, Priscila Maria de Castro Silva, **favorável** ao pleito da solicitante, conforme consta na respectiva Ata.

Campina Grande, 27 de julho de 2018.

  
**MARIA DO SOCORRO PEREIRA**  
COORDENADORA DA SODS  
MATRÍCULA SIAPE Nº 033555-1



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
SECRETARIA DOS ÓRGÃOS DELIBERATIVOS SUPERIORES  
CÂMARA SUPERIOR DE ENSINO**

**ENCAMINHAMENTO**

**PROCESSO Nº 23096.016245/18-98, apenso Nº 23096.001253/18-43**

**INTERESSADA:** Shayenne Santos Sousa Nascimento, aluna do Curso de História, do CH

**ASSUNTO:** Regime Domiciliar

À PRE, para conhecimento e providências.

Campina Grande, 27 de julho de 2018.

**TÚLIO HENRIQUES COSTA  
SECRETÁRIO DA SODS  
MATRÍCULA Nº 3048540**

historia.ch@ufcg.edu.br

Coordenação do Curso de História

De : historia ch <historia.ch@ufcg.edu.br>  
Assunto : URGENTE - Coordenação do Curso de História  
Para : Shayenne Santos <shay1peg@gmail.com>

Qui, 09 de ago de 2018 12:02

📎 1 anexo

A senhora Shayenne Santos Sousa Nascimento,

De Ordem da Coordenação,

Informamos Vossa Senhoria que a Câmara Superior de Ensino decidiu FAVORAVELMENTE ao seu recurso e concedeu a extensão do exercício de regime domiciliar para o período 2018.1, objeto do processo de número 23096.016245/19-98 (apenso ao de número 23096.001253/18-43), conforme parte do processo enviado em anexo.

Assim sendo, ante a frustrada tentativa de comunicação telefônica através do contato constante no processo (83 9.8612-8414), e considerando que o prazo para inclusão das notas no sistema se dá até o dia **11 de agosto de 2018 (sábado)**, e o fato de que, apesar das datas das realizações dos atos no processo, este só foi encaminhado a esta secretaria na manhã de hoje para a sua ciência (09/08/2018), solicitamos que entre em contato URGENTE com a coordenação (2101-1038) caso haja algum professor que não conheça a sua condição excepcional e não tenha havido combinação prévia de avaliação.

Por fim, pedimos, por gentileza, que confirme o recebimento do presente e-mail.

Atenciosamente

Coordenação do Curso de História - CH/UFCG.

Campina Grande, 09 de agosto de 2018.

— **Processo Shayenne.pdf**  
2 MB

Recabido em 29 de Junho <sup>2015</sup> de 2015  
às 09:00 horas (Total)